

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

UM RUBI
NO
UMBIGO

DE FERREIRA GULLAR

PEÇA EM DOIS ATOS

I Ato



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Sala de apartamento de classe média pobre na Tijuca, Rio de Janeiro. À direita, mesa de jantar, cadeiras. À esquerda, sofá e poltronas de estofado desbotado e uma mesinha de centro. Luz abre sobre a cena que demora vazia como a se deixar "ver". Em Voz Off, ouve-se uma canção, cantada por uma só voz acompanhada de violão. Em cena, enquanto se ouve a canção, aparecem Everaldo, pasta na mão, pronto para ir trabalhar, e Doca. Despedem-se, ele sai. Doca volta para dentro. Tempo. Surge Vítor, penteando o cabelo, guarda o pente no bolso de trás da calça, procura a chave da porta, apanha-a de cima da mesinha de centro. Sai para a rua. Luz abaixa em resistência e a canção continua.

VOZ OFF

Me diga, moço, me diga,
como se aprende a viver.
Me diga, que é pouco o tempo
que eu tenho para aprender.

Me diga, moço, me diga,
que é que eu tenho que fazer



pra não ter medo da vida,
 pra não mentir nem correr,
 para aprender a cantiga
 do mal e do bem-querer.
 Pra saber se quem me chama
 me chama porque me quer
 me chama porque me ama
 ou porque quer me perder.

Me diga, moço, me diga,
 se acaso o senhor souber,
 que devo fazer da vida
 pra não matar nem morrer
 nesta luta fratricida
 nesta batalha perdida
 que todos têm que vencer.

Me diga, que é pouco o tempo
 que eu tenho para aprender.

Luz sobe de novo. Entra dona Doca, mulher de seus 45 a 48 anos, típica dona de casa tijucana. Traz na mão um retrato ampliado da mãe envidraçado e pretensiosamente emoldurado, de 35 cm por 80 cm mais ou menos.

DOCA

Desaforo daquele galego! Quê que ele pensa que é? Dono de açougue? Titica de galinha!... *(Fala para o retrato)* Desculpe, mãe, hoje me atrasei. Não deu pra botar a senhora na sala mais cedo... Português fedido! *(Sobe no sofá para pendurar o retrato na parede e continua falando)* Antes das sete, tenho que tirar de novo a senhora daqui. Como sempre! Mas que posso fazer? Se o Everaldo chega e dá com seu retrato aí é capaz de tirar o sapato do pé e — vump! — quebrar o vidro de novo. *(Enquanto fala desce da poltrona, fica vendo se o retrato está na posição certa. Volta, sobe de novo, corrige. Verifica de novo. Repete isso e vai falando)* Ele é doido! Ou se faz... Mas a gente não pode arriscar,

mãe, não há dinheiro. Se ele quebrar o vidro, a senhora vai ter que voltar pra gaveta do armário, Deus sabe até quando... O dinheiro não dá nem pra pagar as contas do açougue e da mercearia. Por que a senhora pensa que aquele portuga de uma figa me faltou com o respeito ainda agora? Mas ele não precisava falar daquele jeito na frente dos empregados. Bem viu que eu estava lá um tempão, esperando os fregueses saírem pra eu poder falar com ele... A gente afinal de contas sempre fica meio acanhada de tocar nesses assuntos. "Chega de conversa fiada", ele gritou, como se eu fosse uma qualquer! Galego fedorento! Queria que o chão se abrisse pra eu sumir por dentro dele naquele instante... *(Começa a limpar os móveis com o avental, melancólica)* Veja, mãe, quando é que a senhora pensou que filha sua fosse passar por isso? Nunca!... Desde que a senhora morreu as coisas só têm piorado. O Everaldo mudou muito. A senhora chamava ele de "macho triste". Precisava ver agora! E mudou, assim! da noite para o dia. A senhora mal tinha sido enterrada e ele já falava sozinho, na sala, de noite: "Parece um sonho, a perua velha morreu! Agora mando em minha casa!" E fala que fala no rubi, porque o rubi, mas o rubi... Isso ele nunca engoliu. E quem paga é o pobre do Vitinho, que vive apavorado, acorda de noite gritando: "não tirem o rubi do meu umbigo, vou morrer!" Pro Everaldo, tudo de ruim que acontece é por causa do rubi que a senhora mandou botar no umbigo do Vitinho. É um inferno. Ele decidiu tirar a pedra do umbigo do menino e vender. Não sei o que faça... Mas a senhora também não podia ter tido idéia pior, mamãe! Parece até coisa de maluco: suturar o umbigo de um bebê com um rubi que vale milhões! Bem, ele está aí, vivo, graças a Deus. Mas será que não havia outro jeito de salvá-lo? Nunca vi ninguém que tivesse um rubi no umbigo... É muito esquisito. Dizem que o Roberto Carlos tem o tampo da cabeça de platina, sei lá. E parece que há um americano que tem uma espécie de mola de ouro no... *(Faz com os dedos um gesto que imita o movimento do ânus, mas se repugna)* Pode ser. Preferia que ninguém de minha família tivesse essas coisas no corpo. Complica tudo... O Vitinho é uma pessoa afilta e com razão. Um moço de uma família que vive na neces-

cidade, por mal dizer, e com um rubi caríssimo na barriga!... Olhe, se a gente vai jantar hoje será graças ao seu Marcolino, da mercearia, que é um homem compreensivo. Vou falar com ele... *(Suspira)* É humilhação, é briga... não sei, o Everaldo odeia a senhora e se vinga em mim, e tenho que esconder seu retrato todos os dias antes que ele chegue. Ainda por cima, deu pra beber, grita comigo. Não suporto mais, mãe. As vezes me dá vontade de enfrentar o Everaldo, mãe, não me dobrar: deixar o retrato na parede pra que ele entre e veja. É isso: o retrato de minha mãe vai ficar aí mesmo, na sala, sim, e ninguém vai tocar um dedo nele! *(Rumor de gente entrando. Doca perde a postura, se apavora e corre para tirar o retrato da parede. Entra Vítor e a surpreende. Ela está em cima da sofá com o retrato nas mãos, meio sem jeito).*

VÍTOR

Tudo bem, mãe?

DOCA

Quê que você faz em casa uma hora dessas? Não foi trabalhar de novo? Quê que você pensa da vida, Vítor?

VÍTOR

(Fazendo-se de desentendido) É o retrato da avó?

DOCA

Não, do avô! Responda ao que lhe perguntei. Por que não foi trabalhar?

VÍTOR

Pera lá, mãe. Quê que há!... Faz tempo que eu não via o retrato da avó na parede. A senhora vai botar ele aí de novo?

DOCA

Quê que você tem com isso? Se quiser botar, bota. A casa é minha também, ou não é?

VÍTOR

Claro que é, mãe... Só estou falando porque o pai pode chegar aí e tacar o sapato nele. O pai não vai com os cornos da velha.

DOCA

É nesses termos que você se refere a sua avó? Cornos da velha! E ela que sofreu tanto por sua causa...

VÍTOR

(Entre carinhoso e brincalhão) Desculpa, mãe. É só o jeito de falar. Vocês corcos também não moram no papo da gente... Claro que eu gostava da avó, me lembro sempre dela, sentada aqui na sala... Me lembro das viagens que ela me contava: Roma, Florença, Veneza. Era em Veneza... ela dizia que um navio entrava pelo meio da rua, como num sonho... Sabe que nunca me esqueci disso. Fico horas imaginando que estou nos lugares por onde ela andou... A avó tinha o burro do dinheiro, não, mãe? Puxa! Poder girar pelo mundo, comer do bom e do melhor, beber vinhos finos, passear despreocupado, gozar a vida! E não ter que dar duro...

DOCA

Ela soube aproveitar...

VÍTOR

Dinheiro, mãe, o quente mesmo é dinheiro!

DOCA

Dinheiro é bom mas não basta.



VÍTOR

Mas falta, mãe, e quando falta é uma zorra! A gente mesmo está na pior. O pai vive se queixando, dívidas, que o que ele ganha não dá pra nada... *(Pausa)* Sei que ele não vai me deixar em paz enquanto não me arrancar o rubi e...

DOCA

Bom, chega de conversa! Você falou, falou, mas ainda não me respondeu.

VÍTOR

O que?

DOCA

Por que não foi trabalhar hoje.

VÍTOR

Ele sabe que o rubi está preso com grampos de metal, que é risco de vida. Sabe que eu posso morrer mas está pouco ligando. Me diga, mãe, que é que ele pensa fazer?

DOCA

(Nervosa) Não sei de nada. Seu pai anda adoentado. Não viu ele sair daqui pro hospital há pouco mais de um mês? Pode ter um enfarte a qualquer momento. E ainda as dívidas...

VÍTOR

Ele continua a falar em vender o rubi, mãe? Me conta! Diz se ele não continua...

DOCA

Não me enche, tá? Que inferno! Ele fala às vezes, teu pai fala à toa! Anda nervoso... Seja compreensivo, meu filho.

Teu pai vive metido naquele Instituto, anos a fio, perdeu a chefia, intrigas, disputas de lugar... Procura entender, Vítinho.

VÍTOR

Eu sabia! Ele não pensa noutra coisa. *(Põe as mãos no umbigo)* Mas ninguém vai tirar o rubi de mim!

DOCA

Você se preocupa demais, filho... Teu pai precisa é de ajuda, sabe? Você trabalhando, ganhando algum dinheiro, mesmo pouco, a gente vai enfrentando a situação...

VÍTOR

Numa loja de ferragens!...

DOCA

E apenas o começo, filho. As coisas depois melhoram.

VÍTOR

Como melhoraram pra ele, não é? Por que as coisas não melhoraram pra ele, mãe, me diga!

DOCA

Não sei, vá perguntar ao bispo! Não tenho que te dar explicações. Você é que precisa me dizer por que não foi trabalhar.

VÍTOR

Porque não agüento mais! Foi por isso!



DOCA

Assim vais perder o emprego.

VÍTOR

Já perco tarde...

DOCA

Você mesmo está dando argumento ao teu pai. E depois não queres que...

VÍTOR

Que ele me tire o rubi da barriga? Não é? Diga logo, mãe. (Grave) Agora a senhora falou claro: ou me enterro na loja de ferragens ou vocês dois me arrancam o rubi na força.

DOCA

Eu não disse isso.

VÍTOR

Será que vocês não entendem que eu não posso passar a vida detrás de um balcão vendendo dobradiças e parafusos?

DOCA

Não é a vida toda, Vitinho...

VÍTOR

Tenho vinte anos, sabe, mãe? Só vinte anos. Os outros rapazes de minha idade estão na praia, enturmados, vivendo a vida. E eu?

DOCA

Você não é o único moço que trabalha. E os outros estudam.

16

VÍTOR

Não me interessa. Mesmo que fossem todos os moços do mundo. Quero saber eu. É o que me importa... Não há nada a descobrir nas gavetas cheias de ferrugem de uma loja de vendêr pregos, mãe. Nada! A vida não está lá. Já verifiquei, já mexi e remexi: é só dobradiça e parafuso. Não há nada além disso. (Pausa) E ele ainda me bota pra varrer a loja, aquele velho sovina. Tosse o dia todo, agarrado à máquina registradora feito uma aranha usurária... Pra ele não existe a vida: é só parafusos e pregos. Nem isso: pra ele só existe dinheiro, que ele usa pra nada, mãe, só pra fazer mais dinheiro. E sou eu que tenho que ajudar ele nisso... E eu próprio vou me transformando em dinheiro, ali, a cada batida daquela registradora. No fim do dia, sou menos. Saio de lá com todos os dedos, todas as unhas e todos os dentes como entrei de manhã, mas sei que sou menos. Alguma coisa de mim se gastou, alguma coisa que eu não sei o que é...

DOCA

(Por fora) Se gastou o quê, meu filho?

VÍTOR

(Impaciente) A senhora não está entendendo nada! Eu também não entendo. Tanto faz. Mas entendi uma coisa: ou deixo vocês me tirarem o rubi ou tenho que enterrar minha vida naquele buraco...

DOCA

Chega de falar disparates.

VÍTOR

Por que vocês não procuraram um inimigo, o pior inimigo de vocês pra botar nele esse maldito rubi? Por que logo em mim?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

17



DOCA

Não fala, assim, meu filho, compreende, isso foi feito pra te salvar. Tu eras um bebê de oito meses. Minha mãe se desfez de sua jóia mais cara, a última jóia da família...

VÍTOR

Já estou cansado de ouvir essa história!

DOCA

Vítor, meu filho, a gente te ama. Se fosse preciso a gente teria sacrificado por ti não só esse rubi, mas todas as jóias que a família tivesse. Se fosse preciso, a gente enterraria em teu corpo, pulseiras, colares, tudo o que já não temos... armário, cristaleira... *(Pausa)* Vivo muito sozinha dentro desta casa. Outro dia, imagine, chorei vendo um pedaço de papel pendurado de uma janela: o vento batia no papel que ia e voltava roçando a parede, roc, roc... Será que estou ficando maluca? A maior alegria que tenho hoje, sabe qual é? É o trator que trabalha aqui em frente, derrubando casas velhas para abrir a Avenida. Gosto de ver aquela máquina, demolindo tudo, virando o mundo pelo avesso! *(Pausa)* Conversa besta! Bem, tenho que ir à mercearia ver se seu Marcolino me vende uma lata de salsicha e outra de ervilha. *(Vai saindo com o retrato)*.

VÍTOR

O retrato, mãe.

DOCA

Onde ando com a cabeça... *(Para indecisa sem saber onde põe o retrato)*.

VÍTOR

(Toma-lhe o retrato) Deixe comigo. *(Encaminha-se para colocá-lo na parede. Doca olha admirada. Vítor sobe no so-*

fé e pendura o retrato. Doca sai nervosamente. Vítor pega o rádio de pilha que está sobre a mesinha de centro. Deita-se no sofá enquanto liga o rádio. Tira de sob a almofada uma revista de mulher nua. Tipo play-boy, e fica vendo enquanto o rádio toca música em voga. Passa ao prefixo musical de um jornal falado.

RÁDIO

Foram assaltados hoje os seguintes bancos: Banco Mineiro da Produção, Banco Mineiro do Crédito, Banco Mineiro da Mineração, Banco Mineiro da Agricultura, Banco Mineiro do Desconto, Banco Mineiro dos Mineiros e Banco Mineiro dos Mineiros de Minas Gerais. No Banco Mineiro do Desconto, os assaltantes deixaram sobre a mesa do gerente o seguinte bilhete: "Pior que assaltar um banco é fundar um banco". A mensagem trazia a assinatura de um dos assaltantes possivelmente o chefe deles: Bertolt Brecht *(Sobe a cortina musical)*.

→ VÍTOR CANTA A SÓLA INTRODUÇÃO

Tempo. Surge por trás de Vítor um homem jovem que se esgueira com um revólver na mão e um lenço no rosto.

NECO

Mãos ao alto e fique quietinho. É um assalto. *(Fala com voz disfarçada)* Vai te levantando daí.

VÍTOR

(Levanta-se. O outro sempre às costas dele) Mas... Não tenho dinheiro.

NECO

(Enérgico) Passa pra cá a grana toda!



VÍTOR

(Tirando os trocados da algibeira) Já lhe disse que não tenho dinheiro.

NECO

Mixaria!

VÍTOR

Só não quero que me machuque.

NECO

Tás querendo muito. Depende de ti, meu anjo...

VÍTOR

Por isso não...

NECO

Então, dá pra cá o rubi!

VÍTOR

(Pondo a mão instintivamente no umbigo) Eul... Não sei de rubi nenhum... *(Volta-se de repente para o assaltante e lhe arranca o lenço da cara. Neco explode numa gargalhada)* Palhaco!

NECO

Você ficou encagaçado, nossa! Que cara frouxo!

VÍTOR

Encagaçado! Eu desconfiei logo que eras tu, cara, tás pensando que eu sou babaca?

20

NECO

Eu sei!

VÍTOR

Mas é uma brincadeira besta. *(Aponta para o revólver)* Onde arranjava isso? Cara porra-louca tá aí!

NECO

O trabuco? É meu, né, e há muitos anos. Trouxe quando vim do Corotá *(Maneja o revólver ameaçador)*.

VÍTOR

Pára com isso, guarda essa arma. A velha daqui a pouco está voltando. Quer parar com a frescura?... Escuta: a situação está piorando. Vamos ter que agir com rapidez.

NECO

Mais do que você pensa! Já viste o filme do Metro?

VÍTOR

Presta atenção, pô!

NECO

Não estás entendendo...

VÍTOR

Agora tenho certeza. O velho está mesmo disposto a vender o rubi. É idéia fixa dele e vai dar o avanço a qualquer hora. Temos que agir articulados e já. Tu pegas a grana de teu tio, eu faço o que tenho que fazer e a gente se arranca. Trata de saber onde ele guarda a chave do cofre, é o principal.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

21



NECO
Não, o principal é o rubi.
VÍTOR
Deixa comigo.
NECO
É que as coisas podem se precipitar...
VÍTOR
Tá comigo tá com Deus. Não te preocupa.
NECO
Mas se você não encontra o rubi... Onde é que o velho guarda a preciosa pedrinha cor de sangue, hein?
VÍTOR
Faz a tua parte que eu faço a minha e a gente se manda.
NECO
Na mesma hora?
VÍTOR
Claro.
NECO
Pode ser hoje?
VÍTOR
Pode.
NECO
Então, vamos.

22

VÍTOR
Vamos pra onde?
NECO
Isso é contigo, cara.
VÍTOR
Ai, caceta! Tu só vives brincando, caralho!
NECO
Estou falando sério.
VÍTOR
Primeiro tem que pegar o tutu do titio, entendeu?
NECO
Claro que entendi: primeiro pegar o tutu do titio.
VÍTOR
Certo e...
NECO
Pois é, já peguei.
VÍTOR
Não!
NECO
Já.
VÍTOR
Está aí contigo?
NECO
Está.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.9242 - CEP 90020-025

23



VÍTOR

Um milhãoão, dois, três milhãoões?

NECO

Negócio seguinte... O tio chegou já quase uma hora da tarde num porre de juntar criancinha...

VÍTOR

Quanto, porra?

NECO

Só quinhentos.

VÍTOR

Quinhentos! Essa não!

NECO

Quinhentos mil velhos... Bem, ele chegou de porre...

VÍTOR

De porre está você. Com essa mixaria...

NECO

Era o que ele tinha no bolso, cara!

VÍTOR

E no cofre?

NECO

Espera aí, pô... Fingi que estava dormindo e deixei ele passar pela porta do quarto. Aí me levantei devagarinho (*imita o que conta*).

24

VÍTOR

Quinhentos não dá pra porra nenhuma!

NECO

(*Recomeça a imitação do ponto em que se immobilizara*) Tirei o revólver da gaveta, cheguei por trás dele e... "Passa a grana pra cá, velho debochado". No porre que ele estava, pensou que era brincadeira, sei lá, empurrou o revólver. Não esperei mais, dei-lhe uma porrada nos cornos: "Essa é pra você não comer mais a Dolores".

VÍTOR

Que Dolores?

NECO

A babá da vizinha.

VÍTOR

Ah, tá! Não me interessa!

NECO

Um dia, o tio entrou de repente e me encontrou na Dolores. Me deu a maior bronca, lição de moral e não é que uma semana depois dou com o tio Felinto na Dolores?

VÍTOR

Você é um conversa fiada!

NECO

Peguei o dinheiro que ele trazia no bolso, enchi a boca do velhaco de pano e dei no pé...

VÍTOR

Nem mexeu no cofre...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

25



NECO

Mexer mexi, mas não acertei o segredo. Olha, me deu um branco! Foi o nosso azar.

VÍTOR

Nosso uns cambaus! Azar teu.

NECO

O negócio agora é a gente se arrancar antes que a polícia saiba de tudo.

VÍTOR

Deixa de cagaço que teu tio não vai te denunciar.

NECO

Não vai? Tu não manjas aquele usurário.

VÍTOR

Pois então te arranca.

NECO

E tu, cara?

VÍTOR

Eu por que? Não assaltei ninguém.

NECO

Tás brincando.

VÍTOR

Não estou não.

NECO

Não foi você quem inventou esse plano ou será que foi minha mãe?

VÍTOR

O meu plano era outro. Com quinhentos cruzeiros a gente não chega no Irajá.

NECO

Escuta aqui, cara. Não tira o corpo fora. Foi você quem me meteu nisso.

VÍTOR

Não me lembrava que tu eras um porra-louca.

NECO

É tarde. Não dá pra voltar atrás.

VÍTOR

Pra mim dá.

NECO

E vai me deixar na pior, cara? Está bem... Não sei o que vou fazer. Não tenho a menor idéia, Vítor. Estou numa enrascada. *(Tempo. Silêncio).*

VÍTOR

(Conciliador) O problema é que... Não sei como explicar, Neco, sabe, você não pode imaginar o que significa esse plano pra mim... É minha vida, Neco, sabe, é minha vida que pode começar... Não sou de abandonar ninguém na pior, cara, você sabe, muito menos um amigo do peito...



NECO

Vai dar certo, Vitor. A gente se vira. Nós dois juntos vai dar certo, teuho...

Entra dona Docca com uns embrulhos.

DOCA

Lá de fora estava ouvindo vocês discutindo... Estás aí, Neco? Aposto que era futebol. Nunca vi coisa pra dar mais bate-boca, meu Deus. Antigamente, era o Everaldo com o Duca. *(A Neco)* Duca era meu irmão. Um deus-nos-acuda. Everaldo era Flamengo e o Duca, Fluminense. Dia de Fla-Flu só faltava ficar louca... Duca morreu atropelado na Avenida Brasil, um desastre horrível... Pois bem, Everaldo não queria acompanhar o enterro porque o caixão ia coberto com a bandeira do Fluminense. Mas se era a vontade do morto...

VITOR

Mãe...

Enquanto ela fala Vitor ligou o rádio que transmite música baixinho.

DOCA

Ah, é, acho que já tinha contado essa história pro Neco... E seu tio Felinto, como vai? Já casou?

NECO

Acho que não, quer dizer, não, não casou.

DOCA

Homem bom, aquele! O dinheiro que ele nos emprestou, outro dia, foi uma mão na roda... Juros altos! Quem eu

nunca mais vi foi sua tia, a irmã do Felinto, a Ângela... Ela saiu da Congregação Mariana? Moça distinta. Onde anda ela agora?

NECO

No hospício.

DOCA

Não! No hospício? *(Com certo prazer).*

NECO

É, cismou que era o Chacrinha.

DOCA

Não me diga!

NECO

Entrou na igreja com uma buzina — fon, fon — e buzinou a missa.

DOCA

É era uma moça tão atenciosa! Tão delicada!... Já viu o trator que trabalha aqui em frente?

VITOR

Mãe, eu e o Neco estamos discutindo um assunto...

DOCA

Ah, sim. Tem nada não, meninos. Vou cuidar do jantar. *(A Neco)* Mas o trator aí de frente, como é que vocês dizem, é um barato... *(Sal).*



VÍTOR

Putá que pariu!... Passo meses pensando um jeito de me safar desta merda, bolo um plano, vem você e me caga tudo, cara!

NECO

E... Já vi que sou mesmo azarado.

VÍTOR

Azarado, um cacete! Um porra-louca isso que você é. Mas claro, um cara que diz ao pai que está estudando e nem sabe onde fica a Faculdade! Pega a mesada que o velho manda e gasta no Jôquei.

NECO

Gastu, não. Aposto. Às vezes perco, às vezes ganho...

VÍTOR

E o velho lá no mato se matando pro filho ser doutor!

NECO

Não me diz que é por isso que tu vais me jogar às feras...

VÍTOR

E foi logo com um cara desse que eu fui me meter.

NECO

Teu plano realmente era bom: eu assaltava meu tio, tu roubavas o rubi da família... Não tem um marajá nessa história?

VÍTOR

Infelizmente não. Mas tem cana, sabe? Cana firme.

NECO

Agora, falando sério, Vítor. Com o rubi na mão, a gente pode se virar. Eu sozinho é que não dá mesmo, mas...

VÍTOR

Não dá de jeito nenhum.

NECO

Pera lá. A coisa não é assim tão simples, cara. Você me meteu nesse rolo, bati no meu tio, estou com a polícia atrás de mim, e você quer tirar o corpo fora? Não vais tirar não.

VÍTOR

E vou me foder também?

NECO

A gente arrisca. É o jeito.

VÍTOR

Oiha Neco: uns têm talento, outros têm pais ricos. Eu só tenho essa bosta deste rubi e isso ninguém vai me tirar.

NECO

Eu sei, cara, mas e eu? Agora a gente tem que...

VÍTOR

Nada de a gente! Não posso fazer nada, entendeu? Te arranca enquanto é tempo.

NECO

Você sabe que eu não tenho pra onde ir.



VÍTOR

Bom. O papo comigo acabou. *(Senta-se, pega a revista).*

NECO

(Tempo. Saca do revólver) Não acabou não.

VÍTOR

(Espantado) Que é isso?

NECO

Pega o rubi e vamos embora já.

VÍTOR

(Fechando a revista) Não vou a parte alguma.

NECO

Então fica, mas passa o rubi pra cá.

VÍTOR

Nunca.

NECO

Olha pra minha cara. Parece que estou de gozação?

VÍTOR

Você não tem coragem, cara.

NECO

(Engatilha a arma) Fodido, fodido e meio. Te dou um minuto.

VÍTOR

(Tempo. Desabotoa a camisa) Está bem...

NECO

Qué — e que tu estás fazendo?

VÍTOR

(Mostrando a barriga) Não queria o rubi? Pois leva!

NECO

No umbigo?! *(Aproxima-se e tenta arrancá-lo)* Prendeste com araldite.

VÍTOR

Está preso é com garras de metal na minha carne. Corta minha barriga, vamos! Leva ele pingando sangue!

NECO

Sem essa de Vicente Celestino, cara...

VÍTOR

Vamos, tira o rubi!

NECO

Tenho que pensar, bicho, me dá um tempo... *(Cruza os braços)* Com essa eu não contava *(Pensa alto)* Se eu matar o bichano, não vou ter tempo de... Que situação você arranjou, hein, cara? E depois o enrolado sou eu!... Muito vivo!... É, mas tenho uma solução. Vais comigo. Ou vais



ou te denuncio. Gostou? Conto todo o plano a teu pai. Sai dessa agora... (Aponta o revólver de novo) Como é, vai comigo ou não?

NECO CANTA A SUA HISTÓRIA

Neco está de costas para a porta de entrada quando entra Everaldo, uma pasta volumosa na mão, alguns chopes na cuca e falando sozinho. É um homem de seus 55 anos, ar fadado, roupa mal cuidada. Neco não se dá conta logo da presença dele. Ao ouvi-lo jalar, tenta esconder o revólver que Everaldo já tinha percebido.

EVERALDO

Banco Mineiro dos Mineiros, vence dia 8... Banco do Crédito Mineiro, dia... (Aos dois) Brincando de bandido e inocinho? Acho que já estão grandes demais para isso (Avança, toma o revólver de Neco) Ninguém se mexa, isto é um assalto! Ah, passem pra cá o rubi! Bolas, não é isso! O dinheiro, passem pra cá todo o dinheiro do caixa, e também os títulos que estão no nome aqui do papai e... todos para o banheiro... (Desfaz a cena) Não dou pra assaltante, o que é uma pena... Esse pessoal novo que está assaltando banco tem feito uma boa fêria: milhões e milhões... Sabem duma coisa? Acho que não há ninguém que nunca tenha pensado em assaltar um banco (Percebe o retrato de dona Marieta na parede. A Vítor) Tua avó Marieta devia sonhar com isso. Duvidas? (Visionário) Pacotes e pacotes de cédulas novinhas, amontoadas no cofre, no silêncio do cofre trancado com fechaduras e segredos profundos... São maços de papel mas carregados de uma força capaz de mover montanhas, — feito energia nuclear... Aquilo é o trabalho de milhões de pessoas, trabalho que se concentrou e virou papel pra gente poder carregar, guardar, e que depois vira trabalho de novo. Não é uma maravilha? E se a gente queima a grana, liberta a energia que está acumulada ali. É como se os bobocas que trabalharam para criar o dinheiro voltassem a trabalhar outra vez, agora para nós que temos a grana, que a roubamos, que temos agora

o mundo em nossas mãos... (Ri) Que maravilha, hein, garotões? (Eufórico) Dinheiro, miraculosa invenção do engenho humano, maravilha das maravilhas, força que move o sol e as demais estrelas... Bonito, não? Isso é Camões! Ou é Dante?... Caguei! (Devolve o revólver a Neco que o guarda) É um revólver de verdade? (Põe a pasta na cadeira, tira o paletó e senta-se como se desabasse) Doca!

DOCA

(Fora de cena) Já vou, benzinho.

EVERALDO

(Aos dois rapazes) Não se casem nunca... É a maior besteira que um homem pode cometer na vida.

Doca entra com a toalha para começar a pôr a mesa. Lembra do retrato da mãe na parede e fica nervosa, olhando disfarçadamente para o retrato e para Vítor.

DOCA

Tudo bem, Evê?

EVERALDO

Claro, tudo ótimo! E o portuga?

DOCA

(Contrariada) O quê?

EVERALDO

Estás ruinzinha hoje, hein? O dono do açougue, o Diogo, continua bronqueando por causa do fiado ou fiou?



DOCA

Depois falamos nisso (*Vai saindo. Ele a detém*).

EVERALDO

Quero saber se ele vendeu o bife pro jantar. O resto não me diz respeito. (*Ri*).

DOCA

Pode deixar, Everaldo... arranjei tudo...

EVERALDO

Você é um anjo, Doca! Então podemos convidar o Neco pra jantar conosco.

NECO

Não, seu Everaldo, estou de saída. Vitor e eu vamos dar um pulo lá embaixo. Vamos, Vitor.

VITOR

Não, pode deixar. Desço mais tarde.

NECO

Então, está bem. Vamos terminar nosso papo lá dentro (*Olha intencional para Vitor que vacila mas se submete*) Dá licença, seu Everaldo? (*Saem os dois*).

EVERALDO

Que estão tramando esses dois?

DOCA

(*Que acaba de voltar à cena com pratos e talheres*) Não fale essas coisas em frente de estranhos.

EVERALDO

Ué, que coisas?

DOCA

Já basta a vergonha que tenho passado no açougue, na mercearia. Ninguém mais precisa ficar sabendo que não pagamos o açougueiro, se...

EVERALDO

Sutilezas... Está bem, mas tanto faz... tanto faz!

DOCA

Não quer tomar um banho antes do jantar? Está muito suado, Evê.

EVERALDO

Está me achando sujo, é? Pois quero ficar assim mesmo, imundo, pegajoso... (*Tempo*) Desculpa, Doca. Olha, gosto muito de vocês dois, sabe, de você e do Vitorinho.

DOCA

Eu sei, Evê, claro que eu sei... Mas você parece nervoso, aconteceu alguma coisa na repartição?

EVERALDO

Ah, meu saco! Pra eu dizer que gosto de vocês é preciso ter havido alguma coisa na repartição?



DOCA

Não é nada disso, Everaldo. Você também! Estou preocupada, é só isso... Saiu o pagamento?

EVERALDO

(Pondo sobre a mesa um bolo de notas amarfanhadas que tirou do bolso) É o que escapou das unhas dos agiotas...

DOCA

(Após contar o dinheiro) Como vamos pagar o aluguel, a mercearia, o açougue, a farmácia? O galego, esse tal de Diogo...

EVERALDO

Isso pergunto eu: como vamos pagar o açougue, a mercearia, o aluguel?... Sim, e o médico? E a farmácia? E os bancos? E você ainda me internou numa clínica particular!...

DOCA

Por falar no aluguel, dona Elvira esteve hoje aqui. Disse que não espera mais. Só volta com a ordem de despejo.

EVERALDO

Despejo! É papo furado dessa baleia!

DOCA

Mas, Evê, se a gente não pagar o aluguel... ela disse...

EVERALDO

Que me importa o que ela disse!

DOCA

Disse que faz cinco meses que a gente não paga e...

EVERALDO

É uma vigarista! Que cinco meses que nada! Não faz nem quatro!

DOCA

Tenho medo, Everaldo. Se nos expulsarem da casa...

EVERALDO

E o salário do Vítor? O salário dele pode ajudar. Não resolve mas ajuda. Decretei estado de calamidade pública nesta casa!

DOCA

O salário do Vítor!...

EVERALDO

E por que não? Será que também no salário é proibido tocar? É sagrado também? *(Pausa)* É, não dá pé mesmo não...

DOCA

(Apreensiva) Houve alguma coisa, sim. Não queres me contar mas houve. Não me contas e eu fico ainda mais nervosa.

EVERALDO

Que coisa? Queres me dizer? Não basta o que estás vendo, o que já sabes? Trezentos agiotas me tomam o salário, Demerval me engana, dá a chefia ao Marroquim, me deixa na mão. "Houve alguma coisa, Evê". Claro que houve. Mas ainda é pouco o que já houve? Queres mais coisas?! *(Pau-*



sa) Desculpa, Doca... bebi hoje de novo... Já tinhas percebido, claro...

DOCA

Tem coragem, Evê, coragem.

EVERALDO

Claro, coragem... Tens razão. Precisamos ter coragem, eu e você... É desagradável, minha velha, mas não há outra saída. Temos que convencer o Vitinho.

DOCA

Não, isso não!

EVERALDO

Não, o quê? Nem falei nada.

DOCA

Sei bem o que ias dizer. Não podemos, Everaldo. Tira isso da cabeça, pelo amor de Deus!

EVERALDO

Doca, sabes eu já tentei tudo. Entrego os pontos. Não tenho mais nem palpite pra jogo do bicho. Só nos resta uma solução: o rubi. É desagradável, mas...

DOCA

(Firme) Não vou matar meu filho.

EVERALDO

Não fica nervosa, nega. Falei com o médico, expliquei tudo e ele me garantiu que é uma barbada, não há risco nenhum. Hoje, com os antibióticos, essa operação é sopa...

DOCA

Que médico, Evê? O Dr. Torquato, aquele do Instituto?

EVERALDO

E quê que tem?

DOCA

Não sabe operar nem um joanete. Quase me aleija.

EVERALDO

Perfeito... Então, qual é a saída? Quê que tu sugeres? Desde que perdi a chefia, o dinheiro não chega pra nada. O enfarte terminou de nos afundar. Recorri aos amigos, depois aos bancos, depois aos agiotas, jogo do bicho, loteria esportiva, terreiro de macumba. Não deu. O apartamento atrasado no aluguel, a mercearia, o açougue, a Ducal, o Ponto Frio... Essa é a situação. Uma bosta redonda, redonda-da! Penso no rubi e tu dizes não. Está bem, concordo. Mas que saída sugeres?

DOCA

Eu? Eu... não sei.

EVERALDO

Cruzar os braços?

DOCA

Não sei, Evê, já disse que não sei.

EVERALDO

Escuta aqui, Doca. Você mesma disse que a gente precisa ter coragem. Esquece um instante que o rubi está no umbigo do Vitinho. Faz de conta que ele está numa gaveta, num porta-jóias...



DOCA

Mas não está, Evê!

EVERALDO

Quer escutar um minuto? Pois bem. A gente vai, abre a gaveta, tira o rubi e vende. São setenta mil cruzeiros na mão!

DOCA

Não vale tudo isso não, Evê!

EVERALDO

Vale até mais. *(Pronuncia mal) Sang-de-pigeon!* Não é assim que se diz?

DOCA

(Caprichando no francês) Sang-de-pigeon.

EVERALDO

Estive me informando. É um rubi raríssimo, dos mais caros do mundo. A menos que fosse bafo de dona Marieta...

DOCA

Isso nunca! Minha mãe seria incapaz de...

EVERALDO

Pára e pensa, Doquinha. Setenta mil. A gente paga tudo, compra outra televisão... Acha que não sofro sabendo que você não pode mais acompanhar a novela das oito? A gente compra roupas novas pro Vitinho, vestidos pra você. E as tortas geniais, aquele queijo suíço que a gente nunca mais co-

meu... Vai mudar tudo, Doca, tudo. O resto do dinheiro mando o Jorge investir na Bolsa, ele entende do troço. Dentro de um ano, podemos viajar, podemos ir a Buenos Aires, até mesmo à Europa...

DOCA

Não dá, Everaldo. Tem agora um tal depósito...

EVERALDO

Esquece o depósito... Veneza, Paris... Tiro licença-prêrio e a gente vai... Sem cobrador na porta. Flores, pombo... *(Toca a campainha. Os dois voltam à realidade)* Diz que eu ainda não cheguei.

DOCA

Não tenho cara, Everaldo!

EVERALDO

Vai.

DOCA

(Vai até a porta. Tempo. Volta) Era um vendedor de livros. *(Everaldo respira aliviado)* Vou servir o jantar.

EVERALDO

Espera um pouco... Entendeu agora, minha velha? Se você falar com o Vitinho, ele também vai entender.

DOCA

Eu! Não, não posso, Everaldo. Está acima das minhas forças. Vamos pensar noutra solução, um emprego pra mim... Qualquer coisa, menos isso, Everaldo, te peço.



EVERALDO

(*Esmurra a mesa*) Quem devia estar aqui pra resolver isso era aquela perua velha!

DOCA

(*Em pânico*) Ah, meu Deus, vai começar tudo de novo!

EVERALDO

Claro. Ela teve uma vida de princesa. Casou com homem rico, passou a vida viajando, gozou do bom e do melhor. Nem te levou nas viagens. Depois que o marido morreu, foi vendendo as coisas: a casa no Grajaú, o terreno na Gávea, as jóias. Quando tornou tudo em novas viagens, campanhas de benemerência e chás com as amigas, veio morar às minhas custas.

DOCA

Ela ajudava, Evê.

EVERALDO

Não se lembrou de deixar nada pra você, a única filha dela. E ainda pegou a jóia que restava e meteu no umbigo do Víinho. Feito isso, morreu em paz... E ficou o besta aqui pra agüentar a parada sozinho.

DOCA

Qué que você queria que ela fizesse? Deixasse o menino morrer?

EVERALDO

Que morrer nada! Aquilo tudo foi uma farsa. Pensa que algum dia confiei naquele tal de doutor Macarrão?

DOCA

Doutor Macarrón. Era espanhol.

EVERALDO

Espanhol uma ova! Charlatão! Diziam até que era bicha... E vai ver que nem botou rubi nenhum no umbigo do menino. Pôs uma pedra falsa e guardou o rubi. Não pode? Estava interessado demais: "esse umbigo só vai sarar se tomarmos providências excepcionais", Antibióticos? Nada disso. (*Arenhada*) "Esses remédios modernos son un peligro para los recém-nascidos".

DOCA

Ainda não existia penicilina, Everaldo.

EVERALDO

Como não existia? Como é que tu pensas que curei minha blenorragia?

DOCA

Everaldo?!

EVERALDO

Eu era solteiro... (*Pausa*) Vigarista!... Dona Marieta podia ter dito: não, o rubi não. Mas adorou a idéia. Era sua grande vingança contra mim.

DOCA

Que absurdo!

EVERALDO

Uma jogada maquiavélica. Para que o rubi não viesse cair nas minhas mãos, ela o enterrou para sempre no umbigo de



meu próprio filho. E agora eu é que passo por desumano desalmado. E na merda, na merda como estou! *(Começa a tirar o sapato)* Velha bandida, velha filha de uma puta! *(Joga o sapato contra o retrato mas erra. Doca faz um ahn de susto).*

DOCA

Chega Everaldo, chega! Você sempre odiou minha mãe, nunca suportou nossa família. Mas agora chega! Não tenho culpa se você nasceu em Madureira.

EVERALDO

(Ferido) Com muita honra... Mas agora estamos no mesmo barco, dona Eduarda. Você com sua ascendência nobre, de nobreza do Grajaú, e eu, filho de um contínuo do MEC. As dívidas são minhas, mas o dinheiro foi gasto aqui nesta casa...

DOCA

Uma parte; a outra parte nas corridas do Jôquei...

EVERALDO

...Se afundo de uma vez, você afunda comigo. Se amanhã formos despejados, não vamos morar em Madureira, não: vamos morar na favela do Pára Pedro ou num desses pomboais do BNH... E você vai ter de ir comigo, dona Eduarda Campos de Menezes Canabrava. É, vai comigo pra lá. Ou não vai? *(Pausa)* A solução é o rubi mas está na barriga do Vitinho, o não-me-toques. Eu, que sou um monstro, quero vender o rubi para salvar a família. Você, boazinha como é, não quer. Mas o problema não é só meu, dona Eduarda: é *nosso*. Quero vender o rubi para resolver *nosso* problema. E você adoraria que eu resolvesse tudo sozinho sem você ter de sujar as mãos. No fundo é isso.

DOCA

Deus te perdoe!

EVERALDO

Quem se esconde dos agiotas e dos credores sou eu. Quem se humilha nos bancos sou eu...

DOCA

E quem se humilha no açougue? E na quitanda?

EVERALDO

Ora açougue! Quer comparar humilhação de açougue com humilhação de banco?... Quem arrisca a vida do próprio filho sou eu, o desalmado. Você manterá as mãos limpas, a alma virtuosa, até que tudo se resolva... Mas não vai ser assim não. Desta vez, não vai ser assim, dona Eduarda Campos de Menezes Canabrava. Chama aí o Vítor e vamos *nós dois* dizer a ele que é necessário vender o rubi, que *nós dois* queremos vender o rubi.

Doca está perplexa. Explode num soluço. Vítor surge lá de dentro.

VÍTOR

Que está acontecendo? Mãe, que que houve?

Doca esconde o rosto no avental, enquanto Everaldo a secura tentando descobrir-lhe o rosto. Ela se solta e escapa em direção à cozinha.

EVERALDO

(A Vítor) Precisamos ter uma conversa a sério. Senta aí. *(Vítor vacila. Senta de má vontade).*



EVERALDO

Vitinho... sou seu pai...

VÍTOR

Ah, é?

EVERALDO

(Engolindo em seco) ... e tudo o que faço é pra seu bem.

VÍTOR

E vá alguém supor o contrário!

EVERALDO

Estamos atravessando uma situação difícil, muito difícil. Você sabe. É a padaria, a mercearia, o açougue... estou esmagado pelas dívidas. O aluguel atrasado, agiotas, bancos. Você sabe... Mas agora chegamos ao ponto de estrangulamento. Já não tenho a quem pedir emprestado e nem como pagar o que já devo. Vamos ser forçados a soluções extremas.

VÍTOR

Estou sacando...

EVERALDO

A primeira delas é a seguinte: deves entregar teu salário todo a tua mãe... Quanto deves receber este mês?

VÍTOR

Não sei.

EVERALDO

Quero que compreendas, Vítor, a situação é séria, temos de saber com quanto dinheiro contamos.

48

VÍTOR

Não sei, já disse. Não quero saber daquela droga.

EVERALDO

O salário é mil e quinhentos, não é isso? Menos os descontos, INPS... Vamos dizer que sobre mil e trezentos...

VÍTOR

Não vai sobrar isso não. Tenho faltas.

EVERALDO

Faltas?

VÍTOR

Sim, faltas! Faz vários dias que não apareço lá.

EVERALDO

(A Doca fora de cena) Não estou sabendo disso, Doca! Vítor não tem ido trabalhar! (A Vítor) Por que não tem ido trabalhar?

VÍTOR

Porque não agüento.

EVERALDO

Andas doente...?

VÍTOR

Não.

EVERALDO

Não agüentas o serviço, é isso?

VÍTOR

É.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

49



EVERALDO

Mas o serviço é leve, atender no balcão.

VÍTOR

É, atender no balcão...

EVERALDO

E por que não agüentas?

VÍTOR

Porque é chato, porque não tem sentido, porque recebo uma miséria!

EVERALDO

Chato é o meu trabalho também e estou agüentando há 27 anos, aliás, 28 anos.

VÍTOR

Você tem saco.

EVERALDO

(Levanta-se irritado) Ah, eu tenho saco, não é?! E quem ia sustentar a casa se eu não tivesse saco? Quem ia comprar comida, roupa, sapatos e calças *blue-jeans* pra você? Dinheiro pro cinema? Quem?!

VÍTOR

Não precisa jogar na minha cara, não precisa me humilhar!

EVERALDO

Humilhar! Tudo pra você é humilhação! Trabalhar na loja também é humilhação. Por que não vai ser deputado? Di-

plomata? Estudar você não quis. Também não tinha saco, não foi?

VÍTOR

E vaga? É fácil vaga?

EVERALDO

Conversa, rapaz... Você levou seis meses procurando emprego, o emprego ideal, claro. Não achou. Falei com seu Elpídeo, arranjei o emprego na loja e você agora... acha chato! Que que você pensa da vida? Me diz, Vítor?

VÍTOR

Penso que a vida é bacana, e não vou me enterrar vivo numa loja de ferragens!

EVERALDO

Deixa de drama, garotão! Não pensa que eu vou ficar dando duro, me matando para tu passares os dias coçando o saco, de pernas pro ar *(Pega a revista de cima da poltrona)* lendo essas merdas. *(Abre ao acaso)* É isso? É essa a ocupação de tua vida? *(Repara na revista)* Mas vem cá, revista de sacanagem?! *(Grita para Doca, fora de cena)* Doca, já viu as revistas que teu filho anda lendo? *(A Vítor)* Não tens vergonha?

VÍTOR

É uma revista como outra qualquer.

EVERALDO

Escuta: quando tiveres tua casa, leva pra lá revistas desse tipo. Na minha, não! Esta casa se respeita, ouviu? É casa de pobre mas pobre de respeito! *(Folheia a revista com algum interesse mas dissumulado, depois joga-a longe)* Bun-



indefinidas indefinidas.

das, bundas, bundas... É o Mangue, isto aqui virou o Mangue! E esse depravado ainda me vem dizer que não agüenta o trabalho. Desaforo... Mas saiba que não nasceste rico, deste azar de nascer nesta família, de ter como avó dona Marieta Mendonça de Menezes, que cagou em cima de nós todos e ainda pegou a única jóia da família, que restava e...
(Pausa)

VÍTOR

Bem, chegamos ao tema central.

EVERALDO

E chegamos mesmo! Vamos ter de vender o rubi!

VÍTOR

Todo esse falatório era só pra isso. Estou entendendo.

EVERALDO

Entende como quiseres. Cansei de puxar o carro sozinho. Não tenho mais forças. Você vai ter que fazer um sacrifíciozinho. Também.

VÍTOR

Sei, deixar que me matem.

EVERALDO

Essa história não pega mais, garotão. Não há perigo nenhum. Falei com o médico, expliquei o caso todo. Para isso existem hoje os antibióticos.

VÍTOR

Você está pouco ligando se eu morro. Você me odeia!

EVERALDO

Sou um desalmado, não é isso? Um tarado, um monstro. "*Pai mata filho para vender rubi*", manchete da *Luta Democrática!* Essa história cheira mesmo a notícia da *Luta*: uma família na miséria e o filho com um rubi no umbigo... Só mesmo na família de dona Marieta. Isso não é história da *Luta*, não. Isso é novela de televisão e da antiga! Se não estivesse acontecendo comigo não acreditava. E eu, nessa novela, sou o pai vilão que deseja a todo custo, arrancar da barriga do filho o rubi oriental... A piada de dona Marieta virou drama, um dramalhão!...

VÍTOR

Você pode falar o que quiser. Defendo minha vida.

EVERALDO

Tens razão. Cada um por si, e salve-se quem puder... Eu é que não posso mais me salvar... Estou velho, acabarei meus dias na cadeia, quem sabe, ou me mato...

VÍTOR

Sim, agora é notícia da *Luta* ou do *Dia*.

EVERALDO

Exatamente. (*Muda de tom*) "Antigo funcionário dá desfalque e se mata".

VÍTOR

Quê que é isso?

EVERALDO

É isso mesmo, desfalque (*Confidente*) Não diz nada a tua mãe. Me meti num cipoal, Vitinho, e não consigo me safar.



Pensava em repor o dinheiro, mas não pude, não deu certo. A qualquer hora... sei lá!... São 28 anos de serviço, os amigos, a vergonha... Não vou agüentar, meu filho. Me mato!

VÍTOR

(Segura o pai pelos ombros, solidário) Pera aí, pai! A gente tem que dar um jeito nisso... Puxa, pra que você deu uma errada dessas? Mexer logo em dinheiro do governo!

EVERALDO

Foi uma loucura, sei... Me ajuda, Vito, te peço.

VÍTOR

É... que jeito! *(Coça a cabeça. Pensa)* Você inventou isso agora mesmo pra me dobrar. É tudo mentira, não caio nessa.

EVERALDO

Acredita em mim, Vítor!

VÍTOR

Não, não acredito. Você não trabalha mais na tesouraria, não lida com dinheiro. Não deu desfalque nenhum.

EVERALDO

(Balança a cabeça desesperado) Sou o encarregado das compras de material, foi o dinheiro das compras...

VÍTOR

Papo furado! Chantagem comigo não cola. É minha vida contra a sua. Você quer tirar de mim a única coisa que pode me salvar.

EVERALDO

E pensar que gerei semelhante monstro!

VÍTOR

E pensar que sou filho de um...

EVERALDO

De um ladrão, pode dizer. Não te acanha: ladrão! Não era isso que ias dizer?

VÍTOR

Era isso mesmo!

EVERALDO

(Dá-lhe um tapa) Ingrato! Monstro!

VÍTOR

(Crispado) Vou deixar este inferno agora mesmo! *(Encaminha-se para a porta da rua)*.

EVERALDO

Isso é que não. *(Agarra-o, atacam-se. Entra Doca)*.

DOCA

Não briguem! Meu Deus! Vítor, Everaldo, parem, parem! *(Tenta separá-los)*.

VÍTOR

Me larga, seu porco! *(Solta-se e empurra o pai que vai cair contra a mesa de jantar. Segura a faca de ponta. Entra Neco)*.



EVERALDO

Vou te arrancar esta merda da barriga é agora! *(Neco joga o revólver para Vítor. Doca se coloca entre pai e filho. Everaldo a empurra e avança sobre Vítor).*

VÍTOR

(Apontando-lhe a arma) Pare, senão atiro. *(A Neco)* Vamos embora.

Everaldo se joga sobre Vítor. O revólver dispara. Everaldo cai. Ferido.

VÍTOR

(Tenta ampará-lo) Papai! Desculpa, velho, desculpe. Não foi por querer.

DOCA

(Joga-se sobre o marido) Everaldo, benzinho! Everaldo, fala Evê, pelo amor de Deus, me responde!

Vítor se aproxima atônito. Toma o pulso do pai.

VÍTOR

Ele está morto.

NECO

Vamos cair fora, Vítor.

VÍTOR

Me larga! *(Desvairado)* Que que eu fui fazer, meu Deus!

56

NECO

A polícia vem aí. É flagrante. Vamos. Depois a gente vê.

Vítor se dá conta da situação. Caminha para a porta. Doca se levanta.

DOCA

Não me abandona, Vítor. Não me deixa sozinha!

VÍTOR

Tenho que fugir, mãe. A polícia vem aí.

DOCA

Vou ficar só no mundo, meu filho. Não sei o que faça... *(Vítor continua a andar na direção da porta)* Espera, filho, Vítinho, não tenho mais ninguém no mundo! *(Agarra-se a Vítor)* Não me abandona, meu filho!

VÍTOR

Eu volto, mãe, depois eu volto. *(Solta-se dela).*

DOCA

Não, filho, não! *(Agarra-se de novo a ele).*

VÍTOR

(Soltando-se) Tenho que ir. *(Sai com Neco).*

57



DOCA

Não, pelo amor de Deus! *(Cai. Esconde o rosto nas mãos, soluça. Tempo. Levanta-se de repente. Olha em volta desvairada. Não sabe o que fazer. Corre para a frente do Palco. Fala para si mesma)* O rubi era meu, era de minha mãe. *(Ao retrato)* Levaram o nosso rubi, mãe. *(Grita)* Polícia, ladrão! Pega ladrão!

Fim do primeiro ato

II Ato

Black-out. Luz súbita mostra o mesmo cenário do I Ato. Everaldo, sentado numa espreguiçadeira, com o braço esquerdo coberto de ataduras e amarrado ao peito. Vários dias decorridos do incidente. Ele lê um jornal como à procura de determinada notícia.

EVERALDO

(Interrompendo a leitura) Ele sumiu mesmo!... As coisas não têm lógica... Que mundo, meu Deus! Tenho um filho, crio ele, era meu orgulho, minha esperança. E acaba tudo assim. Que lógica tem isso? Dizer que eu não gostava dele, isso ninguém pode dizer. E ele, não gostava de mim? Gostava, sim. Depois é que tudo desandou. Mas naquela hora, eu com a faca, ele com o revólver, éramos só fúria, eu e ele. Agora, como pode acontecer um troço desse não entendendo. A vida humana não tem lógica nenhuma...

Entra Doca espavorida.



DOCA

Everaldo, achei o Vitinho! Ele e o Neco, os dois!

EVERALDO

Achou? Onde?

DOCA

Saíram correndo... Não sei se me viram. Dobraram por uma esquina e...

EVERALDO

Será que eram eles mesmo?

DOCA

Tenho certeza. Calças *blue-jeans*, camisa amarela. Era o Vítor. Ainda pensei em gritar: Vítor, o Evê não morreu!, mas não deu tempo.

EVERALDO

É, vamos ter que recorrer à polícia. É o jeito.

DOCA

Não, polícia, não. Tenho medo.

EVERALDO

Então!... Ainda se eu estivesse com saúde...

DOCA

Agora pelo menos a gente sabe que ele está vivo. Eu tinha certeza que terminava achando meu filho. Foram dias terrí-

veis que passei, andando sem rumo, rua pra cá, rua pra lá, um labirinto sem fim. Onde podia estar meu filho, meu Deus? Vou por aqui? Por ali? Se vou nesta direção, posso estar me afastando dele; se vou na outra, também... Ah, como a cidade é enorme quando a gente procura um filho que se perdeu!

• EVERALDO

Falaste com o Manduca e o Felinto?

DOCA

Como? Não está vendo que eu voltei pra te dar a notícia dos meninos? Vou agora (*Vai saindo*).

EVERALDO

Espera aí. Foi até bom você voltar. Queria te dar mais algumas dicas pra quando falares com os caras. Olha: diz que a gente tem um atrasado pra receber, que a dificuldade é de momento.

DOCA

Que atrasado?

EVERALDO

Não entende? Se você chega pro agiota e dizes que estás na pior, morrendo de fome, desesperada, ele não te empresta um tostão...

DOCA

Então é um desalmado! Prefiro não me meter com essa gente!



EVERALDO

O cara está negociando, não é Serviço de Beneficência, nem Santa Casa de Misericórdia. O banqueiro, o agiota, o sujeito que negocia com dinheiro, empresta pra receber o dele de volta e mais um tanto, entendeu? Agora, se ele percebe que tua situação é tão ruim que não vais poder pagar nem que queiras, ele se encolhe e tu voltas de mãos abanando... Escuta: diz que o banco mandou o saldo errado e a gente, fiando nisso, gastou mais do que devia. Por isso, a coisa encenou. Mas, dentro de uns dez dias, no máximo, vamos receber uns atrasados no Instituto e mais uma dívida que a tia...

DOCA

Como é que você consegue inventar tanta mentira assim de repente, Evê?

EVERALDO

Deixa de ser palerma, mulher! Que diabo! Não estás entendendo nada...

DOCA

Estou, sim.

EVERALDO

Então, vai. Olha: a gente precisa desse dinheiro. Aceita o juro que for. Se ele cobrar 100% ao minuto, aceita.

DOCA

Pode deixar, Evê. Até logo. *(Vai saindo, volta)* Onde ando com a cabeça! O porteiro me entregou esta carta. *(Everaldo abre o envelope, passa os olhos na carta. Fica preocupado)* Que foi, Evê?

EVERALDO

(Dobrando a carta) Nada não. Vai logo, vai.

DOCA

(Dando de ombros) Está bem. Até. *(Sai)*.

EVERALDO

(Espera um tempo. Abre a carta e lê em voz alta) "... é desagradável para mim ter que lhe dizer isso mas a sua prestação de contas apresenta uma diferença inexplicável de mais de quinze mil cruzeiros, sem comprovantes. Precisamente, a diferença a descoberto é de quinze mil duzentos e dezesseis cruzeiros..." *(Pausa)* "... na minha qualidade de chefe de Seção, estou obrigado a comunicar o fato à Direção do Instituto, sob pena de arcar com a responsabilidade do desfalque ou ser apontado como conivente. Não farei isso imediatamente, pois disponho ainda de alguns dias. Como seu amigo que sou... *(Respira fundo)*... manterei tudo em segredo, desde que você cubra a diferença até sexta-feira, no máximo..." *(Dobra a carta. Fica um tempo com a mão sobre os olhos, arrasado. Levanta-se com dificuldade, vai até a janela, abre-a, ouve o rumor do trator trabalhando na rua. Tempo. Volta até a mesa, liga o rádio de pilha)*.

RÁDIO

"Foram assaltados hoje os seguintes bancos: Banco Mineiro da... *(Desliga com enfado. Vai até o retrato de dona Marieta)*.

EVERALDO

Ladrão... eu sou ladrão? Se eu tirei o dinheiro, sabe de quem é a culpa? É tua, perua velha! A culpa é tua, sim!... Ladrão... Se eu tivesse metido a mão no dinheiro pra sustentar uma amante, comprar um carro, vá lá. Mas minha fa-



mília ia ficar com fome. Foi pra pagar agiota, título no banco, farmácia... Dinheiro pra continuar vivo e poder trabalhar... Quem é que pode sustentar família ganhando o salário de fome que eu ganho? Só o aluguel do apartamento... Apostei no Jôquei? Apostei, mas pra quê? Pra ver se melhorava de vida, um pouquinho que fosse. Há outro jeito de melhorar? Me diga! Ou vou assaltar banco? Não fiz nada disso, não roubei. Tomei um empréstimo. Escondido, claro, mas se eu ia repor o dinheiro, não é roubo... No entanto, até meu filho... Perdão o tiro que ele me deu, mas me chamar de ladrão, isso não perdôo... *(Vai até a janela. Tempo. Começa a fechá-la. Surge Neco pela porta de saída do apartamento. Espia. Faz cara de surpresa, chama Vítor com a mão. Aparece Vítor que entra seguido de Neco).*

VÍTOR

Pai!

EVERALDO

(Voltando-se) Meu filho! *(Abraçam-se. Ficam em seguida embaraçados)* Senta aí.

VÍTOR

Você está bem, pai?

EVERALDO

Sim, estou bem, meu filho. Ah, meu querido! *(Abraça de novo o filho).*

Aproxima-se Neco sorrindo meio sem jeito.

NECO

Alô, seu Everaldo.

EVERALDO

(Faz cara séria, depois sorri) Alô... seu peralta!

NECO

Quase que a gente mandava o senhor pras picas, hein!

EVERALDO

(Engolindo em seco) É verdade...

NECO

A culpa foi do menino aí, que não tem boa pontaria. *(Ri).*

VÍTOR

Te manca, oh cara, tá?... Desculpa, pai, pegou onde?

EVERALDO

No braço e raspou as costelas... Mas esquece isso, foi só um susto.

VÍTOR

Que chato!... Ainda bem que...

NECO

Que fome, sô!

EVERALDO

O fundamental é a gente não perder a cabeça.

NECO

Isso é certo. Mas foi o senhor mesmo quem pegou a faca...



VÍTOR

Chega, Neco!

EVERALDO

O que passou passou. Temos problemas maiores para resolver.

NECO

E aquele usurário do meu tio?

EVERALDO

Me visitou no hospital, faz uns três dias.

NECO

Vai ver que mandou a polícia atrás de mim.

EVERALDO

Isso não sei. Mas não quer te ver nem pintado. E escreveu pra teu pai.

NECO

Fez a minha caveira!... *(Aperta o estômago)* Será que não há nada para comer aqui?

EVERALDO

Hein?

VÍTOR

Que bom rever você, pai... E a mãe, cadê ela?

66

EVERALDO

Foi atrás do Felinto.

NECO

Do tio?

EVERALDO

Estamos muito precisados de dinheiro... Agora é ela quem vai atrás dos agiotas, coitada!

VÍTOR

(Olha intencional para Neco) É...

NECO

Estou com uma fome boçal. Faz três dias que a gente não come. Levaram todo o nosso dinheiro.

VÍTOR

É, fomos assaltados. A gente dormia na rua.

EVERALDO

Assaltaram e...

NECO

O pior é que me tomaram o revólver. Filhos de uma...

EVERALDO

É nisso que dá fugir de casa... Talvez ainda haja um resto de pão na cozinha... A merda é total! Vamos ver o que Doca consegue.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

67



NECO

Vou buscar o pão (*Sai*).

VÍTOR

Saiu meu retrato no jornal.

EVERALDO

Eles levaram daqui. Veio polícia, jornalista... Tua mãe é quem sabe direito...

VÍTOR

Me sentia como um bicho desses que as pessoas caçam. Mal conseguia dormir... Cada pessoa era um inimigo que me rondava... Quando os caras nos assaltaram pensei que era o fim.

Neco volta comendo pão e dá um pedaço a Vítor.

NECO

Esse cara aí vivia apavorado, pensando que iam arrancar o rubi da barriga dele. O maior cagaço!

VÍTOR

Claro, o dinheiro a gente leva no bolso mas o rubi está na minha carne. Já virou parte de meu corpo, como minha mão ou meu olho... É estranho.

NECO

Claro, um olho na barriga!

VÍTOR

Fico pensando: isso é o valor que eu tenho em mim e é a minha perdição...

EVERALDO

Claro. Se estivesse no porta-jóias, que é o lugar certo, seria diferente... Mas a perua velha...

NECO

Essa velha foi a pior zorra que já nasceu! Esculhambou a vida de todo mundo, até a minha. Sabe que eu também já estou com raiva dessa tua avó, Vítor? Com meu pai, fim de papo. E se tio Felinto escreveu contando tudo, o velho vai se mandar do Corotá para cá de garrucha em punho.

VÍTOR

O melhor que a gente faz é esquecer a vovó, o rubi, esquecer toda essa complicação...

DOCA

(Entrando) Vitinho, meu filho! *(Abraça-o)* Eu sabia que ias voltar! Eu disse, não foi, Evê?

VÍTOR

Pensava muito em você, mãe.

NECO

Não dava mais pé: a fome estava braba.

EVERALDO

Os meninos estão morrendo de fome, Doca.



DOCA
Tudo na mesma.

EVERALDO
Falaste com eles?

DOCA
Com o Manduca. O Felinto não achei.

EVERALDO
E o Manduca?

DOCA
Não quis emprestar.

EVERALDO
Como não quis? Você é que não soube falar...

DOCA
Disse que ou você paga o que deve a ele ou...

EVERALDO
Ou o quê?

DOCA
Ou vais te dar mal.

EVERALDO
Mas explicaste tudo direitinho?

DOCA
Expliquei, Everaldo. Mas você não me disse que já devia tanto a ele...

EVERALDO
Dizê
Putá que o pariu! (*Esmurra a cadeira. Silêncio. Vítor e Neco se entreolham*).

VÍTOR
Bom... a gente vai dar uma volta...

EVERALDO
Vão embora?

DOCA
Não, Vitinho, espera um pouco.

VÍTOR
É que a gente...

EVERALDO
Nada disso. Vocês estão morrendo de fome e vamos ter que dar um jeito nisso, não é, Doça?

DOCA
Claro... mas que jeito, Evê?

EVERALDO
Pensei um troço. Vai lá embaixo e me chama aqui o seu Marcelino da mercearia. Diz que eu quero falar com ele, mas não diz o quê.



DOCA

Everaldo!... não tenho mais cara!

EVERALDO

Não se preocupa. Vai e deixa comigo, que eu resolvo. Sei como tratar com esses assaltantes da bolsa popular!

Toca a campainha. Doca vai atender à porta. Ouve-se uma voz de português. É o açougueiro Diogo.

DIOGO

(Fora) Não tem mais nem mais-mais! Ou paga ou levo a geladeira, o fogão, o raio que o parta!

EVERALDO

Manda seu Diogo entrar.

Entra Diogo e perde um pouco da fúria.

DIOGO

Seu Everaldo... o caso é o seguinte. Já esperei demais. A vossa dívida é muito grande e estou precisando do dinheiro que vossa senhoria me deve...

EVERALDO

Vossa senhoria está com a razão, seu Diogo, com toda a razão, e nada é mais raro no mundo do que ter razão. E isso o senhor tem: dê-se por feliz! Mas é que as coisas complica-

ram, o senhor vê, estou neste estado... Sabe como é, médico, hospital...

DIOGO

Compreende perfeitamente. Mas o fisco não tem tolerância com os pequenos comerciantes. A SUNAB tabela a carne, multa, é o diabo. A situação está ruim pra todo mundo, esta é a verdade... Vossa senhoria me desculpe, mas não posso esperar mais.

EVERALDO

Vamos fazer o seguinte... O senhor me fornece carne mais hoje e amanhã. Quarta-feira pago tudo, com...

DIOGO

Mais fiado? Vossa senhoria está brincando comigo!

EVERALDO

Estou lhe dando a minha palavra de honra. Quarta-feira pago tudo.

DIOGO

Palavra é palavra e dinheiro é dinheiro. São coisas diferentes. O senhor fala mas não dá uma garantia.

EVERALDO

(Súbita iluminação) Garantia? Garantia! Dou, dou-lhe uma garantia!

DIOGO

Dá? Qual?



EVERALDO

Um rubi (*Reação muda de Vitor*) Um rubi que vale setenta milhões. Não é, Doca?

DOCA

(*Balançando a cabeça*) É...

DIOGO

Essa não! E com todo esse valor nas mãos, o senhor deixou de pagar os débitos?

EVERALDO

È que somente agora disponho da jóia, seu Diogo.

Doca balança a cabeça num gesto de quem desiste e vai para a cozinha.

DIOGO

Peço que o senhor não me leve a mal, seu Everaldo, mas não consigo acreditar...

EVERALDO

Como não consegue acreditar? Eu não minto, seu Diogo. Coisa que nunca fiz em toda a minha vida foi mentir. Isso nunca!

DIOGO

Não é que o esteja chamando de mentiroso mas, acreditar, não acredito.

EVERALDO

Pois eu lhe mostro.

Vitor se ergue; tenta fugir. Neco o agarra.

NECO

Pera aí, cara, a gente tem que comer.

VÍTOR

(*Relaxando*) Mas me solta, pô!

NECO

Afobado come cru.

EVERALDO

(*A Diogo*) Abra a camisa dele. (*Diogo vacila*) Abra, (*Pisca para Vitor*), pode abrir. (*Diogo abre a camisa de Vitor*) Veja, aí está o rubi.

DIOGO

No umbigo?! Custa-me crer!

Vitor fecha a camisa bruscamente.

EVERALDO

(*Torna a piscar para Vitor*) Vamos tirar o rubi do umbigo dele e vender. Só está dependendo de uma vaga no Hospital



do INPS da Lagoa... E, então, seu Diogo, está mais tran-
qüilo agora?

DIOGO

Bem, vamos dizer que mais ou menos... Mas é muito esqui-
sito esse rubi...

EVERALDO

Esquisito é girafa, seu Diogo, e existe. Doca daqui a pouco
vai apanhar a carne com o senhor, certo?

DIOGO

Vamos dizer que sim...

EVERALDO

Dois quilos hoje, dois amanhã...

DIOGO

Dois quilos, não, seu Everaldo. Um quilo.

EVERALDO

Vá lá, um quilo e meio para acabar a discussão.

DIOGO

Bom, vá lá... Tenho-me que ir, até logo (*Sai*).

VÍTOR

(*Ao pai*) Quê que você está querendo arrumar de novo?
Parece maluco. Depois de tudo que aconteceu, me dá essa
agora!

EVERALDO

Não te impressiona, Vítor. Sei o que estou fazendo.

VÍTOR

Ninguém vai me conversar não...

DOCA

(*Voltando nervosa*) Calma, gente, calma!

VÍTOR

Quero deixar claro uma coisa: não vou servir de joguete nas
mãos de vocês.

EVERALDO

Dá pra entender? Estamos todos morrendo de fome, consigo
carne para quatro dias e sou chamado de maluco! Tem lógi-
ca isso?

VÍTOR

Mas me joga no fogo!

EVERALDO

Você está com fome, não está? Pois bem, carne já temos. Va-
mos agora ao feijão, ao arroz, à farinha. Falarei com o Mar-
colino. Vai lá, Doca, chama o homem aqui.

VÍTOR

E quando a cidade inteira souber que eu tenho esta ^{doça} merda na
barriga, quê que eu faço? Me meto num buraco pro resto da
vida?



EVERALDO

Em vez de se preocupar com o futuro, meu filho, pensa assim: o que vou comer agora? É isso aí...

VÍTOR

Pra você é fácil pensar assim mas eu sei muito bem onde isso vai parar.

NECO

Primeiro comer, depois filosofar.

EVERALDO

Está bem, Vítor, está bem, mas é aí que tu te enganas. (*Dança de alegria*) Encontrei, encontrei a saída! (*Dança ainda*) É aquela perua velha dizia que eu sou burro. (*Pára de dançar*) Escuta, Vítor: não vai ser preciso tirar rubi nenhum, tá? Basta mostrá-lo como garantia. Entendeu, filho? Entenderam? Todos os problemas resolvidos. Iremos a um banco. Antes, passamos na Andersyl Jóias, pegamos uma declaração do valor do rubi. Mostramos ao gerente do banco e levantamos setenta mil cruzeiros novos!!!

DOCA

Não estou entendendo nada.

EVERALDO

Como não pensei nisso antes! É, sou burro, sou uma besta quadrada! Só uma alimária leva tanto tempo para descobrir uma coisa tão simples, o óbvio! E se for preciso tirar o rubi — isso numa remotíssima hipótese — se for mesmo preciso tirar o rubi, Vítor, o próprio banco terá interesse em financiar a operação e num hospital de primeira...

78

VÍTOR

(*Firme*) A operação não pode ser feita no Brasil.

EVERALDO

Quem disse isso?

VÍTOR

Estamos sabendo, nos informamos...

EVERALDO

Ah, pilantras, então vocês iam tirar o rubi pra vender!

NECO

Mas claro! A gente pagava a operação depois, com o dinheiro da venda, pagava o resto e se mandava.

EVERALDO

Isso é sacanagem.

NECO

Ué, você estava morto!

VÍTOR

Só nos Estados Unidos ou na Europa. No Brasil é morte certa.

EVERALDO

Agora estou entendendo porque vocês voltaram... Mas olha, isso é conversa de médico atrasado. No Brasil se faz hoje até

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

79



transplante de coração! Como é que não vai fazer uma reles operação de umbigo? Mas, isso não vai ser problema: nós te levaremos aos Estados Unidos, à Europa, à URSS se for preciso! Não é, Doca?

DOCA

Gato escaldado tem medo de água fria. Não me metam nisso.

Toca a campainha. Doca atende à porta. Entra o Dr. Pacheco, do Salva-Cor. Cumprimenta a todos com muita educação.

EVERALDO

(Eufórico) Este homem salvou a minha vida!

PACHECO

Bondade do senhor... *(Senta)* Bem, seu Everaldo, como vai o coração?

EVERALDO

O coração vai bem, doutor, o que vai mal é o bolso.

PACHECO

(Ri sem graça) Essa doença pelo menos não mata... Seu Everaldo, por falar em bolso, o motivo que aqui me traz é um tanto, como direi?...

EVERALDO

Desagradável...

PACHECO

Constrangedor... Isto é, refiro-me às duplicatas que o senhor assinou por conta do tratamento...

EVERALDO

Já sei, estão vencidas.

PACHECO

E infelizmente — espero que o senhor não me leve a mal — infelizmente terei que...

EVERALDO

Mandá-las a protesto.

PACHECO

Bem, o senhor sabe.

EVERALDO

No total, dá quanto?

PACHECO

(Tirando as duplicatas do bolso, calcula) Uns vinte a vinte e três mil cruzeiros, incluindo os juros...

EVERALDO

Muito bem. *(Aproxima-se de Vitor. Pisca o olho para Neco que agarra Vitor. Abre-lhe a camisa)* O senhor está vendo isto aqui? Trata-se de um rubi *sang-de-pigeon*, pedra raríssima. Vale mais de setenta mil cruzeiros, se não valer cem. Dou-lhe o rubi em garantia.



PACHECO

Rubi? Mas está na barriga do moço.

EVERALDO

Está, mas não nasceu aí. O Banco Mineiro do Cascalho me adiantará, terça-feira, por conta desta pedra preciosíssima, quarenta mil cruzeiros.

DOCA

(Suspira e balança a cabeça) Mãe, por que me abandonaste?

Ouve-se de novo a campainha da porta. Neco vai atender. Entra dona Elvira, proprietária do apartamento. Uma cinquentona gorda, com ar de dona da casa.

DOCA

Sente-se aqui, por favor, dona Elvira. Como vai a senhora?

ELVIRA

Muito bem, não vou. Boa-noite a todos. *(Senta-se)*.

EVERALDO

Boa-noite, dona Elvira... *(Ao médico)* Pois bem, são quarenta mil cruzeiros que...

ELVIRA

Desculpe interromper uma conversa tão agradável...

EVERALDO

Absolutamente, já terminávamos... Este é o doutor Pacheco, eminente cardiologista.

ELVIRA

Muito prazer... *(Abre a bolsa, tira um papel)* Meu recado é curto. Isto aqui, senhor Everaldo, é uma ordem de despejo. Já podia ter sido executada, mas, sabendo de seu estado de saúde, preferi avisá-lo. Lamento muito, mas, ou o senhor me paga hoje tudo que me deve ou mando executar o despejo amanhã. Desculpe se falo assim na frente do doutor mas não creio que esteja dizendo nenhuma novidade... e essas coisas devem ser tratadas sem delongas... Espero que a senhora me entenda, dona Doca.

DOCA

Entender o quê?

EVERALDO

(Pega o papel, passa os olhos) A senhora não prefere receber o seu dinheiro?

ELVIRA

Que dúvida! Há mais de quatro meses que não faço outra coisa a não ser lutar para receber o meu dinheiro.

EVERALDO

E então?

ELVIRA

Então, o quê? Vai me pagar agora?!



EVERALDO

Mas posso lhe dar uma garantia...

ELVIRA

Não, muito obrigada. Estou cansada de promessas. Ordenarei o despejo! (*Levanta-se*) Desculpe, dona Doca.

DOCA

Desculpar o quê?

EVERALDO

Dona Elvira, a senhora nem me deixou terminar. Digamos que eu não lhe pague hoje, mas lhe dê uma garantia para pagar tudo dentro de uma semana. O atrasado e ainda um mês adiantado...

ELVIRA

Com quê? Com petrodólares? Não, não quero.

EVERALDO

É que possuo um rubi que vale setenta mil cruzeiros, jóia de estimação, a senhora entende. Trata-se de lembrança deixada pela mãe de minha mulher, minha querida sogra, a excelentíssima senhora dona Marieta Mendonça de Menezes, uma relíquia da família. Nunca pensamos em vendê-la mas já que a situação chegou ao ponto que chegou... Que se vai fazer, não é mesmo? Vão-se os anéis, fiquem os...

ELVIRA

Entendo, entendo, mas onde está esse rubi, no prego?

NECO

Não, no umbigo. (*Ri*).

ELVIRA

Muito engraçadinho!

EVERALDO

Vitor, meu filho, mostra pra ela.

Vitor contrafeito abre a camisa.

ELVIRA

É isso aí? Que coisa obscena!

VÍTOR

Eu por acaso abri a braguilha?

DOCA

Vitinho, ela é uma senhora!

EVERALDO

Um rubi *sang-de-pigeon*, oriental. Vale setenta mil, segundo avaliação feita pela Andersyl Jóias.

Doca balança a cabeça.

ELVIRA

Pode valer, pode não valer. A verdade é que na barriga dele, como está, não vale um tostão.



NECO

(Oculto, dá uma banana) Aqui, oh!

EVERALDO

Como não vale? Um rubi é um rubi, esteja onde estiver. Mesmo que seja num pote de bosta.

ELVIRA

E o senhor dava setenta milhões por um rubi dentro de um pote de bosta?

EVERALDO

Dava!

DOCA

Esta conversa está fedendo. Meu filho não é uma latrina.

PACHECO

Nisso a senhora tem toda razão... dona Elvira. O valor de uso é uma coisa, o valor de troca é outra.

EVERALDO

Curso básico, não, malandro? Te manjo...

ELVIRA

Quero dinheiro vivo na minha mão. São mais de vinte mil cruzeiros, sem contar os juros. Ou o dinheiro, seu Everaldo, ou o despejo... Entenda, dona Doca! *(Doca faz uma careta)* E tem mais: o senhor está pagando muito pouco pelo aluguel do apartamento. Mesmo que se resolvesse tudo, o aluguel ia ter de subir.

EVERALDO

Não seja por isso, dona Elvira. Podemos acertar logo agora o novo aluguel.

ELVIRA

Não, antes, pague os atrasados.

EVERALDO

Já lhe disse que pago tudo, dona Elvira. Dentro de cinco ou seis dias, tiraremos o rubi e pronto.

Vitor e Neco discutem mudamente, percebem-se os gestos.

ELVIRA

Seis dias? Por que não hoje?

EVERALDO

Como hoje?

ELVIRA

Claro. Podemos sair agora daqui para um hospital e resolvemos logo o problema.

EVERALDO

Mas a operação é delicada, não pode ser feita de qualquer jeito. E depois não se arranja um hospital assim, de uma hora para outra.



ELVIRA

Deixe isso por minha conta. Arranjo um hospital agora mesmo.

PACHECO

Também acho. Ou hoje ou nunca. Do contrário, mando os títulos para o protesto amanhã de manhã.

EVERALDO

Mas o senhor já tinha concordado. Isso não vale. Negócio é negócio.

PACHECO

Eu não tinha feito nenhum acordo com o senhor. Ou hoje ou nunca!

EVERALDO

Está bem. Hoje.

VÍTOR

E eu, não conto? Afinal de contas na barriga de quem está esse rubi? Pensam que minha vida está em leilão? Ninguém vai me tocar um dedo, tá?

EVERALDO

Espera, Vítor, ainda estamos discutindo... *(A Elvira)* Qual é o hospital? É bom?

ELVIRA

Posso conseguir um ótimo hospital. Não se preocupe, rapaz. Anestesia geral e... zapt!

EVERALDO

Vítor, meu filho, se o hospital for bom mesmo... E o médico, dona Elvira?

VÍTOR

(Levantando-se) Vão para o inferno!

DOCA

Vítor, meu filho! Valci-me Nossa Senhora!

NECO

(Sujeitando Vítor) É melhor, cara.

VÍTOR

Me larga, seu judas! *(Empurra Neco sobre os outros e vai se afastando de costas. Some pela porta da rua. Neco se recupera, sai atrás. Alvorogo. Depois todos voltam a sentar-se ou não).*

ELVIRA

Quê que eu falei? Não se pode contar com rubi no umbigo de ninguém.

PACHECO

Esse moço é muito mal educado. Não respeita o próprio pai!

DOCA

Que vai ser de meu filho, meu Deus!

EVERALDO

Calma, Doca, a situação ainda não é desesperadora.



ELVIRA

Ele vai se dar mal, muito mal.

PACHECO

Os jovens de hoje... Às vezes me pergunto para onde caminha a humanidade!

ELVIRA

Bem. Já que o rubi fugiu, seu Everaldo, voltamos à estaca zero. Vou mandar executar o despejo. Pra mim chega!

DOCA

Que mal fizemos a Deus? Por que tanto sofrimento?

EVERALDO

Não desespera, minha velha, a gente resolve...

DOCA

Não resolve, não, Everaldo, eu sei que não tem mais jeito... Vão nos botar pra fora de nossa casa... *(Pausa. Ao médico e Elvira)* Que coisa são vocês? De onde vieram? Do inferno? São os agentes do Demônio que estão aqui para nos tirar o sangue e a alma?

ELVIRA

A senhora está enganada. Não sou agente do Demônio: sou a proprietária deste apartamento onde a senhora mora de graça há quase seis meses.

EVERALDO

Seis, não. Quatro.

PACHECO

Salvei a vida de seu marido. Ele mesmo reconheceu isso há poucos minutos...

DOCA

Vocês nos deram a vida, nos deram a saúde, e o teto. Outros nos deram a comida e as roupas. E nós, que temos de nosso neste mundo? Nossas mãos, nosso corpo, a necessidade de morar e comer... E agora vocês se cansaram de ser bons e nos tiram tudo o que deram: nos retiraram o direito de viver, como se fossem Deus.

ELVIRA

A senhora está muito nervosa... Prefiro me entender com seu marido que, pelo menos, ainda não está delirando.

Soa a campainha. Entram Neco e Diogo.

NECO

Ele se mandou mesmo.

DIOGO

Mas não irá longe. Se tomarmos as providências agora, pegamos o gajo.

EVERALDO

Ouviram isto? Este é o caminho! Se o caso interessa a todos nós, dona Elvira, doutor Pacheco, devemos nos unir para resolvê-lo. Entenderam? Se não recebem o que lhes devo, vão ter prejuízo porque não tenho mais de onde tirar um tostão que seja. Mas se recupero o rubi, se vendo o rubi, todos vão lucrar com isso. Estou certo?



DIOGO

Já mandei chamar o pessoal do Esporte Clube Tijucano Juvenil. É uma meninada valente. E fazem tudo por mim, que fundei o clube deles. Meus empregados também podem dar uma mão. E tem muita gente no bairro que vai também.

ELVIRA

Acredito mais na polícia.

DOCA

(Saindo) Não vou deixar que matem meu filho!

EVERALDO

Espera aí, Doca!

Doca sai.

ELVIRA

Tenho alguns amigos na polícia que podem ajudar. Tem telefone aqui?

EVERALDO

Não, mas a vizinha aqui ao lado... Levo a senhora lá.

ELVIRA

Não precisa. Sempre me arranjo sozinha. *(Levanta-se, a Everaldo)* O senhor mete a gente em cada uma! É rubi, é hospital, é polícia! *(Anda para a porta)* Como sofre uma proprietária neste país! *(Sai)*.

EVERALDO

E o senhor, doutor Pacheco?

PACHECO

Estava aqui pensando... Assim para uma coisa de momento... *(Põe-se de pé)* Talvez quem sabe, meu filho... ele é da turma da pesada, como dizem... Claro, é filho de criação, bem entendido... Essa gente sabe de tudo no bairro... Vou ver o que faço. *(Sai)*.

DIOGO

Bem. Mãos à obra!

NECO

Vou chamar mais gente. *(Saem os dois)*.

EVERALDO

(Mãos dadas atrás das costas, caminha a passos largos pela sala) Proprietária, médico, polícia, marginais, açougueiro, em suma, a sociedade inteira nos ajudando a resolver o problema... É isso que falta ao socialismo: a mola do interesse particular... *(Continua a andar, agora com ar mais grave. Tira do bolso a carta do chefe de seção, lê em silêncio. Tempo. Dobra a carta de novo, guarda-a no bolso e senta-se)* O interesse particular... Dona Elvira, doutor Pacheco, Diogo, ainda há pouco queriam me chupar os ossos e agora estamos todos unidos por um mesmo ideal: capturar o Vitinho, e esse também há poucos minutos colaborava comigo para conseguirmos comida... Onde está o meu interesse em tudo isso? Se a venda do rubi é para salvar a família, por que razão o Vitinho, que é membro da família, não concorda com isso? Por medo de morrer ou por querer se safar sozinho? E eu? Não posso querer me safar sozinho? Não tenho esse direito? *(Pausa)*... Estou velho... Ana Maria... Como o tempo passa, como a vida voa...



É um redemoinho, gente, papel, tudo misturado, o vento carregando... Ana Maria tinha dois olhos enormes, rasgados na cara, como se fossem derramar. *(Pausa)* Ela detrás do guichê da Divisão do Pessoal, e eu conversava, conversava, esquecia o serviço, perdia a hora... Vinha para casa com aqueles dois olhos me seguindo. Jantava pensando nela. Sonhava com ela de noite... *(Recorda)* Foi num fim de tarde chuvoso, ofereci-lhe o táxi. Ela sorria pra mim, como a vida. Eu senti isso na hora: a vida pela primeira vez sorri pra mim... E veja só. Tive pena de Doca, do Vitinho, de nossa vida de bosta. Ela me convidou, eu não aceitei, continuei no táxi no rumo de casa. Que idiota! Naquela noite, escolhi a família. E como me arrependi, meu Deus! Quantas horas passei, quantos meses, pensando em Ana Maria, imaginando como ela seria, seus pêlos, a umidade dela por dentro, o calor dela. Só faltava berrar de dor, no meio daqueles arquivos cobertos de poeira... Quanta coisa tem acontecido comigo!... Quando o Cerqueira deu o desfaique na Tesouraria, deixei de falar com ele. Que besteira!... *(Pausa)* É, eu não devia ter metido a mão no dinheiro do Instituto... Bolas, mas eu também não devia ter comido a mulher do Façanha, e comi. Não devia ter fugido de Ana Maria, e fugi. E as humilhações e as bajulações? Sempre fiz o que não devia... Sei lá!... Mas, vem cá, o Instituto não é para ajudar as pessoas? E eu não sou uma pessoa? E então?... As coisas não são tão simples assim! As coisas são complicadas, Everaldo Canabrava, as coisas são complicadas pra caralho! Você não tem como pagar a casa nem a comida. E de seu lado está um cofre cheio de dinheiro. O homem direito, o homem honesto, seu Everaldo, deixa todo aquele dinheiro ali, que não é dele, e volta para casa com as mãos vazias. Diz à mulher e ao filho: não há dinheiro, temos de gramar fome até o dia 28... Assim age o homem de bem... Mas eu sempre fui um canalha. Eu sempre fui um merda! Nunca tive coragem de olhar nos olhos de dona Marieta!... E quem era dona Marieta no rol das coisas? Uma perua velha! É isso, ela não passava de uma bosta, um cocô, uma titica de galinha. E ficava me humilhando, me espezinhando, porque sabia que o filho de um contínuo não se atreveria a... *(Tira o*

sapato de um pé, faz menção de atirar no retrato, não atira. Levanta-se com o sapato na mão e vai até o retrato. Ameaça-o com o sapato enquanto fala) ... Prostituta de luxo, falsa nobreza, saco de egoísmo, enfeitado de jóias! Você cagava, não cagava? Peidava, não peidava? E era melhor do que eu por que? Por que que vocês, que andam cobertos de setas, medalhas, de títulos e anéis, se acham melhores do que os outros? *(Larga o sapato que cai no chão e sai andando sem ele)* Agora vocês vão me punir, vão me botar na cadeia porque eu roubei. Me humilharam, me torturaram, me obrigaram a trabalhar e me pagaram pouco, muito pouco, me pagaram o mínimo possível. Me obrigaram a comprar roupas melhores, camisas melhores, gravatas, me endividar, me encalacrar, roubar! E agora que eu roubei, agora que eu sou um ladrão, que até meu filho me chama de ladrão, que minha mulher terá vergonha de mim, agora que o Instituto inteiro me desprezará — agora vão mandar me prender... Mas aqui pra vocês *(Dá uma banana com um braço só)* Aqui pra vocês, seus filhos da puta! Aqui, oh! *(Senta-se de novo. Longo silêncio)* Mas se eles pegarem o Vitinho, ainda posso me safar... Ninguém morre de uma operação no umbigo. Além do mais...

Soa a campainha da porta. Voz de Diogo gritando. Murros na porta também.

DIOGO

Abra, por favor! Abra!

Everaldo vai abrir. Entra Diogo carregando Doca semi-inconsciente. Deita-a no sofá com a ajuda de Everaldo.

EVERALDO

Que foi, Doca? Fala, quê que você tem?



DIOGO

Desmaiou. Ela está muito fraca e nervosa. Acho que andou demais. Isso não é coisa para mulheres.

EVERALDO

(Fazendo carinho nela) Está melhor, minha velha?

DOCA

(Despertando)... Não foi nada... Cadê Vítor?... Estou tonta. Quê aconteceu?

EVERALDO

Descansa... Está tudo bem.

DOCA

(Tenta sentar-se, Everaldo ajuda) Eles vão matar nosso filho, Everaldo.

EVERALDO

Que bobagem, Doca! Quem está procurando ele é gente daqui mesmo do bairro.

DIOGO

O senhor compreende, não ia deixar uma senhora caída na rua.

EVERALDO

Claro, seu Diogo. O senhor é um santo homem.

DIOGO

E não chegou aqui nenhuma notícia de seu rapaz, pois não?

96

EVERALDO

Até agora, não.

DIOGO

É que corria o boato de que o haviam encontrado, mas foi quando dona Doca desmaiou e... E pode ser apenas boato.

DOCA

(Já melhor) Parecem matilhas de cães atrás de nosso filho, Everaldo. Correm como loucos pra todos os lados, vasculhando vilas, terrenos baldios. Alguns estão armados de cacete, outros com faca.

EVERALDO

Armados!? Pra que? *(Olha para Diogo)*

DIOGO

Minha gente não é. Recomendei a todos: devemos pegá-lo vivo.

EVERALDO

Pegá-lo vivo! Tenho que fazer alguma coisa.

DOCA

Mas tu estás doente, Evê!

EVERALDO

Seu Diogo vai comigo. Vamos?

97

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DIOGO

(Notando que Everaldo está descalço de um pé) O senhor vai assim mesmo?

EVERALDO

Cadê meu sapato? *(Procura com os olhos. Apanha-o e senta-se para calçá-lo).*

DOCA

Não, Everaldo, tu não. Pede ajuda da polícia... Não, da polícia, não... Ah, meu Deus do céu!

EVERALDO

Não vai acontecer nada.

Pela porta que ficara aberta entra dona Elvira.

ELVIRA

(Já dentro) Posso entrar?

EVERALDO

Que houve?

ELVIRA

Que eu saiba nada. Exatamente por isso vim buscar a cópia da ordem de despejo que ficou com o senhor.

EVERALDO

Comigo?! *(Procura nos bolsos. Não acha)* Não está comigo... *(Vê o papel em cima da mesinha. Entrega-o a Elvira)* Tome. Mas por que isso?

ELVIRA

Pensei melhor... Não tenho nada a ver com seu filho nem com seu rubi. Tenho a ver com meu apartamento e o dinheiro do aluguel. Se o senhor acha ou não acha seu filho, se vende ou não vende o rubi, não é problema meu, está certo? Agora não há mais rubi, não há mais nada. Retorno a decisão anterior: autorizo o despejo.

EVERALDO

Mas já acharam o menino. Não é verdade, seu Diogo?

ELVIRA

Acharam?

DIOGO

Bem, corre esse boato...

ELVIRA

Ah, meu Deus! Já não sei o que faça, estou zonza, sabe, estou zonza!... Mas se é verdade que acharam o rapaz...

DOCA

Só peço a Deus que ele esteja bem, que não tenham machucado ele.



ELVIRA

Todos são testemunha da paciência que tenho tido. São quase seis meses de aluguel atrasados... A senhora entende, não entende, dona Doca?

Campainha. Doca abre a porta. Entra de sopetão uma câmara de televisão empurrada por um homem e um repórter com um microfone.

REPÓRTER

(A Elvira) A senhora é a mãe do rapaz de umbigo de rubi?

ELVIRA

Não sou mãe de ninguém. Sou uma senhorita!

REPÓRTER

Estamos entrevistando a tia do rapaz do umbigo de rubi, a senhorita... Qual é a sua graça?

ELVIRA

(Afastando-se) Não tenho nada com isso, meu senhor. Não sou tia de ninguém. Vá pro diabo! *(Sai)*.

REPÓRTER

(Enquanto a câmara passa a perseguir Everaldo que termina caindo numa poltrona) Esta é mais uma reportagem exclusiva da TV Esfinge, a que cobre o que descobre e descobre o que cobre, falando diretamente da Tijuca no apartamento da família do rapaz que possui um umbigo de rubi. *(A Everaldo)* O senhor é o pai do rapaz?

EVERALDO

Sim, sou o pai dele.

REPÓRTER

Pode nos dizer o seu nome, por favor?

EVERALDO

Meu nome é Everaldo, Everaldo Canabrava.

REPÓRTER

Muito bem, senhor Everaldo Canabrava!...

EVERALDO

Perdão, Everaldo.

REPÓRTER

Exatamente. O doutor Everaldo Canabrava é o pai do rapaz do umbigo de rubi. *(A Everaldo)* Doutor Everaldo, sabemos que o senhor é clínico cardiologista e gostaríamos que nos dissesse, com sua autoridade de médico, como explica o fato de seu filho ter nascido com um umbigo de rubi, o que é um caso realmente...

EVERALDO

Não sou médico cardiologista. Sou doente cardíaco.

REPÓRTER

Doente cardíaco? Ora, muito bem! É praticamente a mesma coisa, muito embora se possa considerar que há divergências a respeito... Diga-me, por favor: o senhor pretende fazer transplante de coração ou vai tratar-se pelos métodos



convencionais? Se bem que o nosso assunto aqui não seja o coração mas o umbigo... Fale do umbigo.

EVERALDO

Que umbigo?

REPÓRTER

O umbigo de seu filho, claro. Não é de rubi? Eis a questão. Trata-se de uma anomalia fisiológica, uma inexplicável presença residual de elementos minerais no organismo de um ser vivo, segundo hipótese aventada pelo professor Cordeiro Lima, ou de mero truque muito usado pelos contrabandistas de jóias que escondem pedras preciosas nas partes mais íntimas do corpo, conforme seja homem ou mulher, para burlar a vigilância da Alfândega?

EVERALDO

Me parece que está havendo uma baita confusão a respeito...

Vozes e barulhos à porta de entrada do apartamento.

VOZES

Evacua senão eu baixo o cacete! Nós também ajudamos! Bicha! Bicha!

Entram um policial fardado e Neco carregando Vítor desmaiado. Neco fecha a porta na cara de um grupo de pessoas que quer invadir o apartamento.

DOCA

(Abraçando-se com o filho) Vitinho! Você está bem?

A câmara e o repórter se voltam para o grupo que chega.

REPÓRTER

(Ao policial) Atenção, senhores telespectadores, mais um furo da TV Esfinge, a que descobre o que cobre e cobre o que descobre! Temos em frente a nossas câmaras neste exato momento o herói do momentoso caso do umbigo: o policial experimentado e cumpridor do dever que acaba de capturar o perigoso indivíduo do umbigo de rubi... Senhor guarda *(O guarda acabara de pousar para a câmara)*, gostaríamos de saber...

POLICIAL

Agora acabou, se arranca! *(Caminha para o sofá onde deitaram Vítor)*.

REPÓRTER

(Seguindo o guarda) Gostaríamos de poder informar aos telespectadores da TV Esfinge se o umbigo do rapaz é mesmo de rubi ou se...

POLICIAL

(Sacando do cassetete) Não tem rubi nenhum, tá? Tinha mas já tiraro.

EVERALDO

Tiraram!?

POLICIAL

(Batendo) E vamos evacuar o recinto! *(Cai de porradas no repórter e no camera-man que se arrancam às pressas. O policial bate também em alguns que forçam a entrada quando os jornalistas saem. Enquanto isso Doca está de-*



braçada sobre Vitor tentando reanimá-lo. Everaldo se aproxima e descobre o umbigo de Vitor manchado de sangue).

NECO

Quando vi, estavam cinco caras em cima dele já cortando o umbigo. Ouvi Vitinho gritar e...

EVERALDO

Saquearam meu filho! Roubaram o rubi! Latrocínio!

POLICIAL

Examine direito, meu patrão, que eu tenho responsabilidade nesse problema...

EVERALDO

(Examina melhor o umbigo sujo de sangue) Não, não tiraram! O rubi está aqui! Graças a Deus!

VÍTOR

(Gemendo) Mãe, onde está você? Cadê minha mãe?

DOCA

Estou aqui, filho.

VÍTOR

(Gemendo) Está doendo...

DOCA

Ele está sangrando muito, Everaldo. Meu Deus, que vamos fazer?

Voz de Elvira lá fora. Murros na porta.

ELVIRA

(Fora) Quer fazer o favor de abrir? (Bate mais) Quer abrir esta boستا?

POLICIAL

(Sacando de novo o cassetete) Quem é a engraçada?

NECO

Acho que sei quem é. Vou abrir.

Abre. Entram Elvira e Pacheco. O policial bate nos demais e a porta se fecha outra vez.

ELVIRA

(Eufórica) Graças a Deus, acharam o rapaz! Que bom, seu Everaldo! Dona Doca, a senhora agora está mais contente? Oh, está ferido? Coitadinho!

PACHECO

Que brutalidade! Como feriram o rapaz? Este é decididamente um mundo violento! Me tragam um pouco de éter.

Doca sai.

ELVIRA

É como o senhor dizia há pouco, doutor Pacheco. Vivemos numa selva! (A Everaldo) De qualquer modo, seu Everaldo, o pior já passou. O rapaz está aqui, ~~acabou~~ ^{acabou} tudo bem!



EVERALDO

Bem? Isso não sei.

ELVIRA

Claro que acabou bem. Não acha, doutor Pacheco?

PACHECO

Evidentemente que toda opinião é relativa... Mas nosso acordo era esse. Chegou-se a bom termo. Pelo menos...

ELVIRA

(*A Everaldo*) O senhor agora vai poder pagar suas dívidas, reconstituir sua vida, e poderá continuar morando aqui... Não pelo preço antigo, claro...

Doca volta com éter e algodão. Pacheco faz o curativo.

DOCA

Everaldo, manda chamar uma ambulância. Vitinho não está bem.

ELVIRA

Vamos ganhar tempo. Não se preocupe, dona Doca. Leva-se o rapaz para um hospital e lá se faz tudo logo de uma vez.

PACHECO

Pode ser até na minha casa de saúde, que fica aqui perto.

EVERALDO

Mas é pra tratamento de coração.

PACHECO

Não há tempo a perder, seu Everaldo. Vou telefonar pra lá.

ELVIRA

Vá logo, doutor.

POLICIAL

Mas tem um problema. Esse moço tava sendo procurado pela polícia, com ordem de prisão (*Tira uma foto do bolso*) Tentativa de homicídio... O nome dele não é Vítor?

DOCA

Meu filho vai morrer, seu guarda! Doutor, chame a ambulância.

POLICIAL

Madame, eu cumpro ordens. O rapaz vai ficar sob a guarda da polícia. Inda mais que há o caso desse rubim, morou?

ELVIRA

O rubi pertence a mim também. Exijo respeito à propriedade!

PACHECO

E pertence a mim também.

DIOGO

Tenho também uma parte nele.

POLICIAL

Não folga comigo não, portuga!... Tou manjando o babado de vocês. Mas a autoridade aqui sou eu, morou? Não



levei o rapaz pro Distrito diretamente pra não darem sumiço no rubim. Não tou aqui pra marcar bobeira, morou? Se o objeto de valor desaparece, o cumpridor do dever não leva nada e ainda paga o pato, que a cõrda rebenta sempre do lado mais fraco, falei?

EVERALDO

Para encurtar a conversa, quanto quer pelo seu trabalho?

POLICIAL

Bem, não é que eu queira meter a mão... sabe como é? Mas se o senhor tem boa vontade a gente pode ver... Cinquenta por cento e tamos conversado. (*Aponta para Neco*) O moço disse que vale setenta milhas, quer dizer, ainda sobra muito dinheiro pro doutor...

EVERALDO

O moço não sabe de nada. É um trapalhão (*Olha ameaçador para Neco que muda de lugar*).

NECO

Quando minto é porque minto, quando falo a verdade... Vocês podem me dizer que país é este?

ELVIRA

Desde que receba minha parte, está tudo bem. Já estou cansada desta confusão!

PACHECO

Desculpe, dona Elvira, mas a senhora deve também pensar nos outros. Se o guarda fica com 50%, o que sobra, pagando a senhora, não chega para pagar a mim.

ELVIRA

Cobra a minha parte já me deu trabalho demais!

PACHECO

Então, seu Everaldo, exijo ser o primeiro a receber. Meu negócio, isto é, minha clínica, está em dificuldades.

ELVIRA

Isso é que não! Ponho todos no olho da rua!

EVERALDO

Calma, pessoal, calma, podemos chegar a um entendimento.

DIOGO

A mim o senhor me deve quase três mil cruzeiros. Sou um pequeno comerciante. Tenho preferência.

ELVIRA

Preferência!...

DOCA

Vitor! Vitor! Chamem a ambulância!

NECO

Vou chamar, dona Doca.

DOCA

Tem um Pronto-Socorro aqui perto. Vai lá, Neco, vai, meu filho!

Sai Neco.



EVERALDO

Vamos resolver isso logo, meu filho está perdendo sangue. Como está ele, Doca?

DOCA

Está desmaiando de novo.

EVERALDO

(Ao policial) Pego-lhe que entenda a situação. Se lhe dou 50% não sobra dinheiro para pagar as outras pessoas, sem falar nos outros compromissos que tenho... Proponho um entendimento entre todos...

ELVIRA

Quero receber tudo. Já esperei demais!

PACHECO

Compromisso todos nós temos.

DIOGO

Dívida é dívida.

VÍTOR

Chegou o navio, mãe... vem vindo entre as casas coloridas, mais alto que as casas...
(Todos param e escutam).
... Vem comigo, mãe, me dá a mão... azul e rosa...

DOCA

Sim, meu filho, eu vou contigo...

VÍTOR

A vida, mãe, luzes na água... está se apagando, me ajuda, mãe, me ajuda...

DOCA

Estou aqui, filho, estou aqui...

POLICIAL

Então, nada feito? Justamente... Levo o rapaz pro Distrito.

ELVIRA

E o senhor, quem pensa que é? Não vai levar rapaz algum! Vou telefonar agora mesmo para o delegado Pederneiras. Vamos ver quem é autoridade!

DOCA

Vítor está morrendo, Evê!

PACHECO

(Aproxima-se de Vítor) Como está ele, dona Doca?

EVERALDO

(Corre para o filho) Meu Deus, vou perder meu filho! *(Tenta carregá-lo. Não consegue)* Me ajudem.

DIOGO

(Ajudando a carregar Vítor) Vamos levá-lo assim mesmo.

PACHECO

(Ausulta Vítor) Não adianta. Ele já morreu.



DOCA

Não! Vítor, responde, meu filho!

PACHECO

(*Consternado*) É a verdade. Está morto...

Depõem o corpo no sofá.

EVERALDO

(*Debruçado sobre o filho*) Vítor, perdoa, filho!

DOCA

(*Acariciando o filho*) Meu menino fujão! (*Soluça com a cara enfiada no peito do morto*) Morreste e não foste feliz. Como é possível, meu Deus, como é possível?! A gente vivia como todo mundo, a gente te criou aqui dentro desta casa, brincando no chão, se agarrando nos móveis (*Soluça mais. Pausa. Aos outros*) E vocês discutiam negócios enquanto meu filho se esvaia em sangue. (*Pausa*) Saiam da minha casa, por favor, saiam daqui! (*Cai de novo em soluços. Everaldo a ampara. Os outros se aproximam*).

EVERALDO

Calma, Doca, tenha calma.

NECO

(*Voltando da rua*) Ele morreu? Vítor morreu!?

DIOGO

É a vontade de Deus, dona Doca. Que se vai fazer?

112

ELVIRA

Pobre rapaz, tão moço ainda!

NECO

Parecia que era tudo uma brincadeira.

Neco vai sentar-se no primeiro plano da cena, cabisbaixo. Enxuga uma lágrima.

PACHECO

Um filho é sempre uma coisa preciosa. Que mundo, meu Deus.

DIOGO

De minha parte... Bem, a situação é delicada, o rapaz está morto, como se pode testemunhar, não há nada a fazer... A senhora e seu Everaldo, dona Doca, estão vivos, com as graças de Deus, precisam de comer, de morar... São coisas da vida.

DOCA

Está bem. Agora me façam um favor: me deixem enterrar meu filho em paz.

Everaldo vai a Doca, abraça-a protetor. Pesado silêncio. Ninguém se move. Tempo.

ELVIRA

Mas a senhora vai enterrar ele com o rubi? (*Fita Everaldo que baixa os olhos. O doutor Pacheco e Diogo também*).

113

Teatro de Arellá
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Doca

(Vencida) Quando vai terminar todo este sofrimento e toda esta miséria?

FIM DA PEÇA

Rio, 8/10/70

Composto e impresso nos
Estab. Gráficos Borsoi S.A.
Indústria e Comércio, à
Rua Francisco Manuel, 55
— ZC-15, Benfica, Rio de
Janeiro, RJ

